

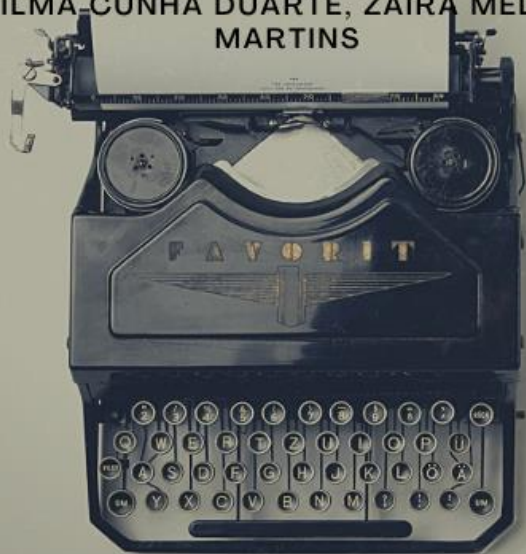
CRONISTAS DA QUARENTENA



ORGANIZAÇÃO: ANDREIA DONADON LEAL

AUTORES

AGNES NAGASHIMA, ANA QUINTANILHA,
ANDREIA DONADON, CECY BARBOSA
CAMPOS, CLAYDES ARAÚJO, CLAUDIA
LUNDGREN, CYROBA CECY, DÓRIS
ARAÚJO, GISELI BARROS, GORETTI DE
FREITAS, JAMYLLE MOL, JOÃO GIMENEZ,
JOSEANI NETTO, JÔ DRUMOND, JOSÉ
IGNACIO R. MARINHO, MAGNA CAMPOS,
MÁRCIO CASTILHO, MARIA BEATRIZ DEL
PELOSO, MARIA CLÁUDIA BACHION
CERIBELI, REGINA COELI NUNES, RENÉ
DENTZ, ROSEANA MURRAY, SYLVIA
MERCADANTE, TAUÃ LIMA V. RANGEL,
VILMA CUNHA DUARTE, ZAÍRA MELILLO
MARTINS



ORGANIZAÇÃO: ANDREIA DONADON LEAL



Cronistas da Quarentena



ALDRAVA LETRAS E ARTES
Mariana- MG/Brasil
2021



Copyright – Aldrava Letras e Artes - 2021

Direitos reservados à Aldrava Letras e Artes. Reprodução autorizada desta obra, desde que citada a fonte

Projeto Gráfico e Diagramação: Gabriel Bicalho

Montagem e Coordenação da edição: Andreia Donadon Leal

Foto da Capa:

Revisão: AUTORES

LEAL, Andreia Donadon (Organizadora)

Aldrava Letras e Artes; Mariana – MG; 2021;

1ª Edição; 166 - páginas

ISBN: **978-65-991310-4-2**

1. Crônica Brasileira
2. Literatura Brasileira

CDD 869.93

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme legislação em vigor.///

EDITORA ALDRAVA LETRAS E ARTES

Rua São Gonçalo, 123

Bairro: São Gonçalo.

CEP: 35420.000 = Mariana – MG

www.jornalaldrava.com.br



Cronistas da Quarentena





PREFÁCIO

DOUTOR JOSÉ LUIZ FOUREAUX DE
SOUZA JÚNIOR



ORGANIZAÇÃO: ANDREIA DONADON LEAL



Prefácio

Cronista. No dicionário do Houaiss, o verbete apresenta o seguinte: nome adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros, relativo à crônica ou o que a escreve. De cara, a remissão ao texto específico da “crônica” é estabelecida. Não é preciso esforço algum. Assim, o verbete “crônica”, na mesma fonte, apresenta o seguinte: nome substantivo feminino. Na rubrica História, compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo (originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres; a partir do século XIX passou a refletir também a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc.). Por derivação (metonímia): biografia de um soberano; por extensão de sentido, nas rubricas História e Literatura, representação genealógica de uma família tida por nobre; no mesmo campo, na rubrica Jornalismo, coluna de periódicos, assinada, dedicada a um assunto (atividades culturais, política, ciências, economia, desportos etc.) ou à vida cotidiana, contendo notícias, comentários, opiniões, às vezes críticas ou polêmicas. Conjunto de matérias e estilo próprios de uma atividade ou tema. Na rubrica Literatura, em particular, *texto literário breve, frequentemente*

narrativo, de trama quase sempre pouco definida e motivos geralmente extraídos do cotidiano imediato. Na mesma rubrica, por extensão de sentido, *prosa ficcional, relato com personagens e circunstâncias alentadas, evoluindo com o tempo*; romance. No uso informal, história ou conjunto de boatos, rumores, notícias a respeito de algo ou alguém, ou ainda, espécie de biografia falada e geralmente escandalosa. Em itálico, o destaque das expressões que a meu ver, merecem destaque aqui, como peça introdutória de um conjunto de textos que, de alguma forma, podem ser circunscritos ao horizonte de expectativas desse primeiro conceito. Adiante!

Quarentena. De novo, consultado o dicionário do Houaiss, encontro o seguinte neste verbete: nome substantivo feminino, porção, número ou conjunto de 40 entidades, seres, objetos etc.; período de 40 dias. Por derivação de sentido, na rubrica Administração, período subsequente à ocupação de um cargo público estratégico em que seu o ex-detentor fica impedido de empregar-se no setor privado, para não se utilizar de informações privilegiadas. Na rubrica História da Medicina, conjunto de medidas e restrições que consistia especialmente no isolamento (originalmente de 42 dias) de indivíduos e mercadorias provenientes de regiões onde grassavam epidemias de doenças contagiosas. Na rubrica Infectologia, também por extensão de sentido, *isolamento, por períodos variáveis, imposto a indivíduos ou cargas procedentes de países em que ocorrem epidemias de doenças contagiosas.* Como regionalismo brasileiro de uso informal: abstinência sexual. E na rubrica Religião, quaresma. Uma vez mais, o itálico destaca a expressão que aqui me interessa. O tema deste conjunto de textos é a atual pandemia causada pelo alastramento de um vírus. Assim sendo, é fundamental a consideração

desta ideia, a de pandemia, sobretudo por conta de seu caráter isolacionista. Medida sanitária indesejada, desconfortável, mas necessária, o isolamento leva os sujeitos, individual ou coletivamente, a tergiversar num universo restrito por este mesmo isolamento. Em outras palavras, ainda que as ideias sejam livres em seu trânsito imaginário e/ou criativo, o isolamento faz com que elas acabem, por força de circunstância, a se reduzirem a núcleos de caráter pragmático. Desta forma, a criatividade sofre certo grau de restrição, o que não impede o seu pleno exercício, efetivamente influenciado pelas consequências imponderáveis do tal isolamento. Vamos ao terceiro passo.

Por fim, prefácio: nome substantivo masculino, texto preliminar de apresentação, geralmente *breve*, escrito pelo autor ou por *outrem*, colocado no começo do livro, com *explicações* sobre seu conteúdo, *objetivos* ou sobre a pessoa do autor. Bem. A brevidade, infelizmente, não vai poder ser controlada aqui. Sou prolixo por natureza, o que não chega a ser um defeito. No caso, sou “outrem”. Não sou um dos autores, apenas apresento essa plêiade de sujeitos que expressam seus pontos de vista, suas dúvidas e angústias, suas experiências, suas elucubrações. Este, o real teor dos textos de natureza cronística do volume. Esta natureza se revela na cotidianidade temática, na atualidade dos argumentos, no fato de serem resultado de registro do fato histórico que transcorre e impacta a experiência existencial de cada um dos autores aqui reunidos, suas opiniões. De fato, este meu prefácio não dá explicações, mas apenas sobrevoa os textos do conjunto apontando-lhes, em grupo, os traços peculiares de que se constituem. O motivo da reunião é plausível e oportuno, como sou acontecer a seus similares nas crônicas *tout court*. Não há “objetivos”,

a não ser que se considere a expressão individual de determinado tema como tal. Penso que se pode ler assim a presente coletânea. E isso é tudo. Está feito o prefácio, ainda que persista a dúvida sobre o seu agrado generalizado. Este também não pode ser sua motivação. De fato, a única justificativa para tanto é a apresentação de textos que valem a pena ser lidos, como estão, em sua natureza explícita. Só isso, a meu ver, já vale muito a pena. O convite (implícito) está feito!

José Luiz Foureaux de Souza Júnior
Contagem-MG, Primavera, 2021



Autores

Agnes Nagashima
Ana Quintanilha
Andreia Donadon Leal
Cecy Barbosa Campos
Claydes Araújo
Claudia Lundgren
Cyroba Cecy Braga de Oliveira Ritzmann
Dóris Araújo
Giseli Barros
Goretti de Freitas
Jamyllle Mol
João Gimenez
Joseani Netto
Jô Drumond
José Ignacio Ribeiro Marinho
Magna Campos
Márcio Castilho
Maria Beatriz Del Peloso Ramos
Maria Cláudia Bachion Ceribeli
Regina Coeli Nunes
René Dentz
Roseana Murray
Sylvia Mercadante
Tauã Lima Verdan Rangel
Vilma Cunha Duarte
Zaíra Melillo Martins



Agnes Izumi Nagashima
Londrina/PR

Agnes Izumi Nagashima

Paranaense com graduação em Biotecnologia, especialização em Genética e Biotecnologia e mestrado em Ciência de Alimentos. Apaixonada por livros desde criança com incentivo de seus pais. Ganhou prêmio da Biblioteca Pública Infantil de Maringá como uma das crianças que mais leu livros no ano. Fez cursos de escrita. Escreve contos e poesias. Já participou de diversas revistas, coletâneas e antologias. Faz parte da UBT (União Brasileira de Trovadores) Londrina. Mãe do Matheus.

AVIÕES DE PAPEL

Agnes Izumi Nagashima

Manhã de sábado em tempos de quarentena. No noticiário, vidas desfeitas que permanecerão apenas em retratos e na memória. A tristeza e solidão apertam ainda mais nesses momentos. Os livros, o ronronar da minha gata e o abraço de meu filho são minhas melhores companhias.

Fui até a varanda do apartamento, no primeiro andar, sentir os raios de sol na pele. Sentei-me do lado dos vasos de flores. Elas dão um pouco de cor nestes dias vestidos de cinza. A rua silenciosa, sem a celeridade dos carros. Apenas barulho das folhas caídas de outono arrastadas pelo vento.

Observar o nascer e pôr do sol e a revoada de pássaros pela janela amenizam o entristecer da alma. Cada dia, um espetáculo do céu, com diferentes nuances de cores. Olhei para o pássaro no galho da árvore levantar voo ao infinito do céu, senti uma certa inveja que antes nunca havia sentido. Sozinho, voa e pousa onde bem quiser e voa na sua liberdade no horizonte.

Uma inspiração me animou a escrever uma poesia:

*Isolamento, solidão.
Recordações de outrora,*

*se ocultar na escuridão,
lágrimas no mundo afora.*

*Amanhecer sem cores,
distância, sem nos perder,
pássaros a cantar as dores,
acenos a nos socorrer.*

*Beijo perdido, sonhado.
Admirar as flores.
Um futuro encantado
sem exigir favores.*

*Tempos de perdão.
Poesia a declamar amores.
Busca de um alento para o coração.
Ilumina a lua os sonhadores.*

*Seguir o caminho,
procurar sem saber,
cuidados e carinho.
Na esperança de um alvorecer,
refulgir, para a eternidade viver.*

Escrever em palavras os sentimentos foi um agradável alento nestes momentos de isolamento. Observar a simplicidade das pequenas belezas ao nosso redor.

Fazia tempo que não parava para contemplar o céu. Quando criança, após brincar de roda com as minhas

amigas, sentava-me na calçada e observava o pôr do sol. A casa da minha infância, de madeira azul desbotada de chuva e sol, o piso rangendo a cada passo que dávamos. No quintal, colocávamos um pano no gramado, deitávamos para contar as estrelas. Olhávamos a lua majestosa a brilhar. A saudade dos tempos de outrora ressurgiu ainda mais no emaranhado dos pensamentos, como se assim pudéssemos regressar no tempo.

Saí da varanda e fui para a sala. Meu filhinho estava a brincar com seus carrinhos. Em sua volta, seus ursinhos de pelúcia protegidos com máscaras. Peguei um papel e convidei-o para dobrarmos e fazemos juntos um avião de papel.

Ele gostou tanto que quis fazer mais aviões. Ele me pediu para que em cada papel que ele fosse dobrar um avião, eu escrevesse frases de felicidade. Não entendi o porquê, mas assim o fiz. Frases de desejos de alegria dobradas por aquelas pequenas e delicadas mãos.

Ele foi até a varanda e jogou os pequenos aviões de papel pela janela. Assustei-me e o indaguei:

— Meu filho, por que você jogou seus aviões pela rede da janela? Não pode jogar as coisas no chão.

— Mamãe, eu não joguei. Eles voaram para levar palavras de felicidade para as pessoas que passam na rua.

Meu coração de mãe encheu-se de orgulho. Escrever e observar a realidade, o cotidiano das pessoas, é complicado, ainda mais em momentos de quarentena. Mas tem dias que pequenas atitudes fazem nosso coração se inundar de amor.



Ana Quintanilha
Taboão da Serra, SP

Ana Quintanilha

Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade de Santo Amaro (2001) e em Artes Visuais pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro (2009). Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Especial; pós-graduada em Educação Especial pela Universidade da Grande Fortaleza; cursos de complementação na área de inclusão, com pesquisas que fazem parte do seu livro: *Inclusão Sem Medo*, uma Coletânea de Artigos – contendo trabalhos voltados para pesquisas científicas cujas temáticas são, deficiências e síndromes. Dois livros publicados, entre eles: *O Maravilhoso Mundo da leitura*, contos e crônicas. Produções literárias e pesquisas do Mestrado foram agraciadas com o troféu literário “Cecilia Meireles” no ano de 2017, na cidade de Itabira. Recebeu a comenda Castro Alves, pelas pesquisas publicadas na revista acadêmica online, nos sites: Web artigos, Só Pedagogia e blog Ecos Latinos. Participação como palestrante no Congresso da Faculdade Polis das Artes, na Federal de São Carlos e Cubatão. Membro da ALB, cadeira de número 13, empossada no dia 26 de Abril de 2018.

Tudo novo de um novo diferente

Ana Quintanilha

Sem avisar tudo ficou novo de um novo diferente, chegou e foi ficando modificando a rotina de todos, sem exceção até do mundo inteiro, de repente o mundo se uniu e voltou os olhares para um novo diferente, mas do que estamos falando???...

Uma certa manhã surge essa indagação. Por que não pode sair? Mãeeeeeeeeeeeeeeee! Hoje tem aula???

_ Meu filho, tem que ficar em casa de quarentena, proteger a todos nossos familiares, nada de aglomerações até que tudo volte ao normal ou um normal diferente.

_ Ah!!!!!! Não gostei ficar longe da minha escola e amigos, nem na rua posso ir, que chato!

_ Logo, logo isso vai passar.

_ Filho, essa pandemia veio para colocar muitas coisas no lugar e ao mesmo tempo alertar o mundo sobre as atitudes das pessoas que nunca voltavam os olhares para o próximo. Tivemos e ainda temos varias manifestações de solidariedade, um direcionando o olhar ao outro. Nas casas também, as famílias voltaram os olhares para dentro de si e do seu ambiente, pois ficou tudo invertido, a casa de algumas pessoas tiveram que ser redefinida, a escola veio se aconchegar no nosso lar,

o escritório de seu pai também procurou um cantinho para se acomodar. Velhos projetos de família foi tirado do papel e as atividades que eram sempre deixadas de lado foram colocadas em prática, bem como uma tarde de conversas que eram raras antes da pandemia. Ah, pois a desculpa era falta de tempo e agora temos tempo para ficarmos juntos. Bom, temos e devemos que aproveitar da melhor maneira sendo que a palavra de ordem é: Se reinventar! Trazendo qualidade de vida dentro do tempo, procurar tempo para o novo se fazer diferente, mas não um diferente que assuste e sim um diferente que agrega qualidade de vida não só para nossa família, mas para todos que todos possam tirar o que tem de melhor nessa pandemia.

Fazendo um novo diferente sempre.



Andreia Donadon Leal
Mariana – MG

Andreia Donadon Leal

Membro da Academia Marianense de Letras - Cadeira 09: Patrono: *Alphonsus de Guimaraens Filho* - Natural de Itabira, reside em Mariana. Graduada em Letras pela UFOP, Especialista em Artes Visuais, Mestre em Literatura pela UFV. Escritora do Movimento Aldravista. Presidente da ALACIB e da ABRAAI, membro da AMULMIG e da AFEMIL. Vencedora do Concurso Nacional Cidade de Manaus com o livro: Aldravismo – Movimento Mineiro do Século XXI. Prêmio Murilo Mendes (UBE-RJ) pelo conjunto da obra. **Autora de 16 livros.**

Na real há múltiplas faces da vida

Andreia Donadon Leal

Nunca recebi tantas mensagens eletrônicas, vídeos, convites para participações em *lives* e reuniões *online*. Ficar conectado cem por cento em plataformas digitais era considerado vício da atualidade; agora é necessidade de sobrevivência. Acumulo tarefas, sabe-se lá pra quê! Ficar em casa nunca me foi empecilho, mas me incomoda a imposição de não sair às ruas; aceito a situação em nome da saúde social. Tenho a sorte de ter a leitura e a arte como companheiras, entradas e saídas pela vida. Meu mundo não caiu, mas deu um giro 180 graus, obrigando-me a rever rumos e prumos. Perdi amigos que foram levados pela Covid19 ou por comorbidades que requeriam atenção, mas o sistema estava focado na Covid19. Sinto falta das rodas de conversas com amigos. Envelheci, engordei, meus cabelos ralearam e esbranquiçaram; ando rabugenta, impaciente e exigente. No auge da menopausa, ondas de calor sobem e descem pelo corpo e nervos. Som alto de música me enerva. Cadê os fones de ouvidos? Cadê as máscaras dos transeuntes e dos que se sentam nos bancos nas praças? Deus, tende piedade; eles não sabem o que fazem! “Você está neurótica”. Diz um cá, outro lá. Aprenderam a não respeitar a opinião e as medidas de biossegurança. Transpiro e esqueço os discursos envenenados alheios. Riem dos outros, não! Não existe telha inquebrável. Nunca tive tanto apreço por

piadas sem graça, diálogos imbecis, vídeos com pessoas desentoadas, dançando ou cantando. Fã de bobagens inocentes, meus níveis de serotonina se elevam. É tempo para purificação da alma, expurgação das emoções negativas e exortação de atividades e compromissos inarredáveis. Ora, aproxima-se a primavera, tempo de florescência. Setembrou por nossas bandas. Ventos sopram o fim de inverno, chamando primavera, epifania do belo. Florescem ipês por todos os cantos. Tempo morno e quente. Pedreiro reclama do calor excessivo. Deveras, o sol se robustece para expurgar o inverno, abrindo horizonte para a estação das flores. Desejo deambular pelas ruas, sem me preocupar com a pandemia... O cenário não favorece desobediências e estultices. Passo a perna na morosidade do tempo, engendrando filmes linguísticos, mirando as imagens dos ipês. Quanto milagre há na natureza e na arte de capturar a explosão das flores. Setembro dá cócegas na ponta da minha barriga. Despeço-me de frustrações, conflitos e emoções negativas que me emperram friamente nas sendas do inverno. Enxoto discursos negativos, desligo o aparelho móvel, abro as janelas, deixo o vento e o sol entrarem nos cômodos. Há graça na simplicidade da vida e no ciclo dos que vêm e vão. Ainda não sei, nem quero saber o momento exato do meu reflorescimento. Florescer em pura essência é saber ser ipê amarelo, roxo, branco, ou de qualquer cor da vasta paleta da natureza, em *lives* reais para amenizar efeitos dos tempos de

pandemia, provocando sorrisos, afugentando tristezas, e nos alertando para ver além do virtual, pois “na real” há múltiplas faces da vida.

Como pensar no futuro?

Andreia Donadon Leal

Como o presente está em standby, falam do futuro: 2021, 2022; de eleições, reeleições ou o que vai acontecer na ciência, religião, história, geografia, matemática, enfim, em todas as áreas do conhecimento que norteiam o mundo. Custo a me acostumar com previsões e planejamentos a médio e longo prazos.

Prefiro viver profundamente o presente, a ter que me amarrar nas dobras e adivinhações futurísticas. Imagino, hipoteticamente, como seria o ano 3.000. Novos dogmas? Novos deuses? A tecnologia de hoje será jurássica. Doenças terminais passarão para o nível 1. Que os cientistas me corrijam, se o termo estiver em desacordo com as definições. De ciência e tecnologia pouco sei. Os seres terão mais qualidade de vida? Talvez mais permanência na terra; muitos viverão para além de cem anos, sem limitações e doenças degenerativas.

O passamento, creio eu, será mais aceitável, afinal tudo se transforma em partículas de energia a girar nesse éter infinito. O universo é um milagre do cosmo, de nanopartículas que se juntaram para formar átomos. Do mesmo modo, as letras formam palavras, as palavras orações, as orações textos. Acredito piamente que a geração 3.000 terá mais informações e cultura para compreensão de que o corpo é energia, que se despe da

carne para se juntar às nanopartículas num processo contínuo de reconstrução do universo. Volto meus pensamentos para a realidade. Meu ano fugiu da rota. Doenças, tristezas, perdas, pelejas, e pequenas pausas para respirar.

Já não tenho tempo para escrever sobre o caos e as mazelas da política. Aqui não vai nada bem, mas há pessoas que botam fé; coloquei minha barba de molho há tempos. Essa política não me agrada, não me convence, não me engana. Vivo com o pé atrás, os olhos abertos, as costas encostadas na parede. Outro dia um taxista me disse que anda enervado com tanta politicagem e que vota em branco há duas eleições. Voto nem deveria ser obrigatório. Em 3.000 ninguém será obrigado a votar em ninguém, nem invalidar ou votar em branco. Quem decidir votar, não terá o aborrecimento de sair de casa; o voto será virtual, pois tudo será conectado. Nem terá a chatice do comício. Será que essa geração hiperconectada terá liberdade?

Viver em 3.000 terá vantagens em relação ao mundo desconectado de hoje. A transparência política, administrativa e financeira deixará de ser apenas ficção legislativa; não haverá reeleição, monopólio, gastos com luxo, vale alimentação, vale moradia, vale isso, vale aquilo, porque desigualdades não existirão; nepotismo, perseguições, injustiças, pilantragens serão conceitos de que marcam um passado a ser negado. O congresso não será formado por políticos, mas por cidadãos comuns

indicados pela sociedade. Ando com os pés sobre as águas, idealizando o ano 3.000. Culpa da incurável insônia. A literatura é para concretizar o sonho mais absurdo do sujeito desperto.

Pela janela estática do presente só vejo catástrofes, pandemia, violência, mortes. Parece insanidade ficar sonhando um futuro ideal, quando não há sequer como transpor a eternidade deste presente atordoado.



Cecy Barbosa Campos
Juiz de Fora – MG

Cecy Barbosa Campos

Natural de Juiz de Fora, MG. Bacharel em Direito, licenciada em Letras, mestre em Letras pela UFJF, de onde é professora aposentada. Exerceu atividades nas áreas de Ensino, Pesquisa, Extensão, Administração e Educação Especial por participação no Projeto Helen Keller (UFJF), Associação dos Cegos, Colégio de Aplicação João XVII. Tem 15 livros solo publicados, destacando-se *Animais encantados na poesia*, o primeiro livro de aldravias infantis publicado no Brasil, *Respingos poéticos*, o primeiro livro de aldravias com transcrição em Braille e *Amores imperfeitos*, o primeiro livro em quintas publicado em Minas Gerais.

A SALVAÇÃO PELA ARTE

Cecy Barbosa Campos

Da minha janela tento segurar o mundo que segue lá fora e parece que se esvai aos poucos. Meus olhos, inundados de saudade refletem amigos, parentes, fatos, acontecimentos rotineiros e encontros frequentes que não existem mais. Não sabemos se haverá futuro ou como será este futuro, mas prefiro acreditar em Dostoiévski e me apegar à Arte, pois segundo o escritor russo “Sem Arte não há salvação”. Então, como mecanismo de autodefesa, é o melhor a fazer.

Observamos que, em outros momentos de crise, resultantes de guerras, pandemias, desastres naturais e outros eventos devastadores, houve surpreendente florescimento das artes. Após o rompimento da barragem do Fundão, perto de Mariana, artistas plásticos criaram um novo conceito de paisagem, retratando não os ambientes bucólicos e verdejantes que existiam em Bento Rodrigues e outros povoados, mas o horror da lama e da destruição, fazendo do feio a matéria do Belo.

O desespero que atinge o ser humano em situações trágicas nos leva à famosa tela de Edward Munch, O grito, e não podemos esquecer de Guernica, a impressionante obra de Picasso; inspirada no bombardeio alemão que aniquilou a cidade.

O furacão Katrina, em Nova Orleans, deu origem a performances musicais que lembravam sons e

ritmos africanos misturados a tonalidades do *jazz* e do *blues*, com grande beleza.

A literatura também registrou os horrores causados por doenças e problemas de sobrevivência em várias partes do mundo, com magistral uso das palavras, contrapondo questões de saúde às questões éticas e morais e mostrando aspectos censuráveis da natureza humana que afloram em situações de crise.

Obras primas como *Um diário do ano da peste*, escrito por Daniel Defoe no século XVII, *A Peste*, de Albert Camus, no século XX, que tem sido objeto de renovados estudos, além de *Amor nos tempos do cólera*, em que Gabriel Garcia Marquez retratou a epidemia que atingiu a Colômbia e o famoso *Ensaio sobre a cegueira*, doença ficcional descrita por José Saramago, adaptada para o cinema com grande sucesso, são algumas das consequências artísticas resultantes de trágicos acontecimentos.

Nestes meses de recolhimento em que estamos forçados a ficar em casa, cumprindo obrigações profissionais ou não, temos tido oportunidade para refletir, analisar nossos conceitos, rever relações familiares e sociais, e valorizar a própria vida.

Não sabemos calcular exatamente, como será o “novo normal” e o que acontecerá depois que terminar este período apocalíptico que estamos vivendo. Enquanto isto, pela preservação de nossa saúde física e mental, podemos nos dedicar à atividades artísticas e desenvolver a nossa criatividade. A literatura talvez contribua para o desenvolvimento da empatia e nos

torne mais sensíveis em relação à natureza e ao mundo em que vivemos.

ATIVIDADES EM TEMPO DE PANDEMIA

Não é de hoje que sabemos da importância da leitura para, além de proporcionar entretenimento, ajudar o indivíduo a minimizar problemas de depressão, ansiedade e outros conflitos interiores. Em vários momentos de crise, por perdas familiares, ausências de pessoas queridas, doenças crônicas ou falta de perspectivas de vida, usamos ou aconselhamos os livros e o desenvolvimento do hábito da leitura como um paliativo para tais males.

Que os livros e a literatura podem funcionar como um bálsamo para os desconfortos da vida cotidiana, não há dúvida! O que dizer então dos efeitos da literatura em tempo de pandemia?

A receita não é indiscriminada. Não basta admitir que uma boa dose de leitura vai alegrar as nossas vidas e que assim esqueceremos as mais de cem mil mortes que atingiram nossos conterrâneos, em muitos casos atingindo também nossos amigos e familiares. Uma tragédia desta proporção não deixará de nos machucar simplesmente pelo apego que temos aos livros e à literatura. entretanto, cada um de nós tem a obrigação de se preservar, física e psicologicamente, como uma forma de proteger o outro – seu pai, mãe, irmão, amigos e amigas.

A leitura é um dos mecanismos que podem nos ajudar no enfrentamento desta hecatombe imprevisível e inacreditável que atingiu o mundo. Buscamos

variações que vão do livro físico ao virtual, à participação em *lives* e *podcasts*, ao acompanhamento de séries na TV e filmes nos variados canais. Podemos ainda, se nos sentirmos inspirados, aproveitar para escrever pois agora temos o ambicionado “tempo livre” para isto. Em meio à crise econômica consequente à pandemia, as editoras devem ter alcançado um momento surpreendente, pelo manancial de obras que lhes chegaram nestes meses de isolamento e restrições.

Muitas programações são feitas para o correr do dia. É importante manter a cabeça ocupada e o corpo ativo, sem permissão para dores nas juntas e possíveis artrites ou artroses. Cada um procura se enganar ouvindo música, dançando ou cantando, sozinho ou acompanhado pela própria imagem ao espelho, caso não divida o seu confinamento com ninguém.

Além destas amenidades para o espírito, não ficam esquecidas as atividades de limpeza, ginástica obrigatória na organização da casa, o que não nos deixa tempo para receber visitas, nem mesmo as abstratas, como a tristeza, que muitas vezes surge e quer nos obrigar a abrir as portas.

E assim vamos passando as semanas, cansados dos domingos que se repetem e dos fantasmas que nos ameaçam todos os dias.



Claydes Araújo
Santa Bárbara – MG

Claydes Araújo

Nascida em Rio Piracicaba, reside em Santa Bárbara desde criança. É professora e consultora educacional. Organizadora do livro: Aldravilhando: Leitura em Movimento da Rede Municipal de Educação e Academia Brasileira de autores Aldravianistas Infantojuvenil; coautora dos livros IV, V, VI,VII e VIII das Aldravias: Mineralamas; IN Absentia, Auri Sacra Fames, Eritis Sicut Dii.e Libertas Loquendi. Atua como professora, especialista pedagógica nas redes municipal de Santa Bárbara e estadual de Minas Gerais, há mais de 20 anos. Atuou por 7 anos na direção da Escola Municipal Marphiza Magalhães Santos e presta serviço de Consultoria Educacional a diversos educadores e instituições públicas e particulares. É uma das fundadoras da ONG Consciência Jovem, com forte atuação no campo das artes. Recebeu em 2011 e 2013 menções honrosas da Fundação Itaú Social e da UNICEF pelo projeto Interface- valorizando a vida através da arte, medalha Afonso Pena em 2018. Membro fundadora e coordenadora da Academia Brasileira de Autores Aldravianistas Infantojuvenil (ABRAAI – Santa Bárbara) com relevantes trabalhos de promoção da leitura. Premiada regional em 2018 pelo Prêmio Itaú Unicef com a parceria da Escola Pública e Academia de letras Infantojuvenil.

ENCONTRO INESPERADO

Claydes Araújo

Este ano não comemorei meu aniversário, nem celebrei com pessoas queridas; nem a páscoa; nem feriados; nem dias santos... este é um ano de solidão. De março pra cá não dei aulas presenciais, não vivi a balbúrdia criativa dos meus alunos durante a descoberta, não ouvi o recreio barulhento das crianças – que me deixava louca. Não fiz experimentos no clubinho de Ciências, nem maquetes coletivas, nem jogos físicos, muito menos aulas de campo em lugares antes planejados. Principalmente não senti o calor dos alunos.

Estranhamente, foi exatamente a proximidade desse calor, que me fez sentir um frio congelante na espinha. Uma sensação esquisita de movimento e paralisia tomou conta do meu corpo, como nas cenas de filme quando o personagem é enfeitiçado ou imobilizado por algum laser futurista. Mas antes que vocês pensem que o isolamento social me deixou confusa – e na verdade deixou mesmo, eu explico. Após cerca de 90 dias de isolamento, tomando todos os cuidados e praticamente assumindo uma identidade ermitã, eis que surge a necessidade de ir ao mercado. Foi uma decisão difícil, tendo em vista que pessoas do grupo de risco –

como eu, podem não ter uma segunda chance. A saída foi avaliar os riscos e praticamente fazer uma FOFA – análise das forças e fraquezas da situação e planejar uma estratégia para evitar encontrar com muitas pessoas. Depois de mapear os supermercados da cidade, a decisão foi ir a um mercado de bairro pequeno, onde a chance de encontrar grande fluxo de pessoas era menor, reduzindo o contato. Assim fiz, e para minha alegria só havia três clientes no supermercado. Uma senhora, de baixa estatura, usando uma máscara de bolinhas brancas com fundo vermelho. Me chamou atenção porque parecia uma grande boca vermelha e a senhora olhava avidamente, por cima dos óculos redondos, o preço do arroz. Parecia prever o que estava por vir. Um casal jovem, estava no açougue e pela quantidade de carne e o pacote de carvão no carrinho, indicava churrasco. - Haveria comemoração? Julguei logo que eram irresponsáveis e não estavam entendendo que não era momento para comemorar. Julgamentos à parte, me alegrei por ver a banca de legumes e frutas vazia. Logo segui pra lá, para fazer minhas compras. Eis que entre tomates e cenouras ouço uma voz dizendo:

- Mãe, é minha professora!

Levantei os olhos e já ao meu lado com abraço armado e olhos sorrindo ela diz:

- Tiiiii!

Me senti como aquele gif do menino rindo e chorando em uma entrevista – só que paralisada.

A mãe percebeu meu estado e falou:

- Filha, não pode abraçar!

Era tarde demais, o abraço foi inevitável e apesar da paralisia inicial me aqueceu imensamente.

Estava há meses me protegendo, me escondendo e de repente, o abraço me encontrou e me fez pensar nessa realidade surreal que estamos vivendo. Como podemos viver com tanto medo? Como pode uma professora se apavorar com o abraço de uma criança? Os abraços sempre foram a melhor parte dos meus dias de professora. Tinha me esquecido de como é bom estar viva e poder sentir esse calor. Dois mil e vinte está bizarro, vivemos um pandemônio de incertezas e medos. Mesmo sabendo que não vou comemorar o dia das crianças, nem o dia dos professores, provavelmente nem o natal... aquele abraço inesperado fez pulsar a importância de celebrar a vida.



Claudia Lundgren
Teresópolis – RJ

Claudia Lundgren

48, natural de Teresópolis, é escritora e Educadora Infantil. É Doutora Honoris Causa em Literatura pelo Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos. É Acadêmica da ACILBRAS, da ABRASCI, da AIL, é Acadêmica Imortal Internacional da FEBACLA, Acadêmica Correspondente da Academia Caxambuense de Letras e da ALTO e Membro Efetivo da SBPA. Também é Acadêmica da ALB e da ABC, ambas virtuais. Recebeu menção honrosa no I Concurso de Poesia Junina, o nono lugar no XXXIV Concurso de Poesia Brasil dos Reis, e no II Concurso Poético AIL 2020. Obteve o 3º lugar no Concurso Literário do IFPR, e 4º lugar no Concurso Literário da Academia Marianense de Letras, na categoria poesia, entre outros prêmios conquistados com seu trabalho.

Participou de dezenas de Antologias Poéticas. É autora de dois livros solo: “Alma de Poeta” e “Simplesmente Poemas”.

Blog: <https://poetisalundgren.blogspot.com/?m=1>

Facebook:

<https://www.facebook.com/claudia.lundgren.37>

YouTube:

<https://www.youtube.com/channel/UCzlvBCQeNn0-goG0OoRuPDg>

E-mail: tiaclaudia05@hotmail.com

FUGA

Claudia Lundgren

Me escondo nos filmes, nas séries, nos livros; no sono e também na fome. Mergulho nos cobertores, travesseiros, edredons; troco o dia pela noite, para mim tanto faz.

É tarde, e eu me distraio com panos de chão, cloro e desinfetantes. Com histeria, limpo maçanetas, interruptores e torneiras.

Me refugio em orações; petição, gratidão. Em canções.

Olho para cada canto, cada um vendo seu programa preferido nos seus smartphones. O silêncio impera.

Preciso me esconder, me refugiar. Preciso mergulhar, mas não em mim. Abrir a gaiola e deixar que meus pensamentos voem. Dobrar as roupas amontoadas na cadeira, trocar móveis de lugar, pintar paredes, qualquer coisa.

Me aninhar nas palavras do amigo, do amado. Conversar, e até brigar com os filhos. Extravasar. Está valendo de tudo. A mente não pode é parar.

Entrego-me às ideias, à inspiração. Refém das prosas e poesias. Das provas on line.

Procuro algo diferente para comer no delivery. Faço testes de QI, de personalidade. Invento uma receita.

E se, porventura, o ócio de mim se aproximar,
e com ele, minhocas e caraminholas, fecho a porta.

MORDAÇA

Claudia Lundgren

Quero tirar a máscara...ser verdadeira, abrir minha boca, soltar minha voz abafada, ser escutada.

A máscara da falsidade, da falta de personalidade. Quero ser nua, sem rodeios. Crua. Entender por que é errado quem fala a verdade.

A máscara que encobre o meu rosto, a minha verdadeira expressão. Não quero mudar de opinião simplesmente por pressão.

A máscara que camufla sorrisos, suspiros e interjeições. Feições.

Quero respirar, tirar a máscara. Me canso ao subir a ladeira. As escadas, quanta exaustão. Quero minha alforria, libertação.

Já não sei quem é quem nas ruas, nas praças. Por favor, tire a máscara. Já não conheço meus amigos. Olhar nos olhos para mim é difícil. Ter que encarar, a fim do mistério decifrar.

Quero tirar a máscara. Ser vista por inteiro. Me sinto travada, sufocada, aprisionada. Até mesmo as rosas-chá de bolinhas brancas são cativo. Da transparência, da voz, da vez. Da timidez.

Esse pano que me tolhe. Não entendo a fala do repórter. Dicção prejudicada. Meias-verdades, meia-boca. Ambiguidades.

Esse elástico, mordaza. Anastácia. Não quero usar essa máscara.



**Cyroba Cecy Braga de Oliveira Ritzmann –
Curitiba – PR**

Cyroba Cecy Braga de Oliveira Ritzmann

Nasceu em Porto União, SC. Bacharel em Pedagogia e Didática. Poetisa, artista plástica, aldravianista e quintanista. Pertence a várias instituições culturais: - Centro de Letras do Paraná, Academia de Cultura do Paraná, Centro Paranaense Feminino de Cultura; União dos Trovadores do Paraná; Movimento Paranaense de Arte e Cultura; Academia de Poesia do Paraná; Sociedade Sul Brasileira de Letras; SBPA, dentre outras. Fez seus estudos de artes plásticas em Curitiba com Guilherme Matter e desenho na Academia Julien, em Paris. Publicou os livros: Ping-pong de Trovas I (2008); Ping-pong de Trovas II (2012); Ping-pong Trovas III (2015) com lançamento Chile e Porto Alegre. Aldravias da Madrugada - Gotas de Sereno (2017). Aldravias da Madrugada - Fagulhas de Luz (2018). Aldravias da Madrugada – Ecos do Silêncio (2019). Quintas – Novo Alvorecer (2020). 1º lugar no Concurso Internacional de Literatura (2018) – UBE – Rio de Janeiro – livro de Aldravias. Acadêmica correspondente da Academia Portuguesa Ex Libris. Academia Internacional de Quintanistas.

VERANEAVA EM FLORIANÓPOLIS

Cyroba Cecy

Jurerê, onde o mar alimentava meus sonhos, horizonte aberto, sem limite, pensamento voava; onde a aragem do mar acordava meus sentidos. Ternura sem fim. Descanso. Paraíso. Volta para Curitiba no dia que foi decretada a Pandemia Mundial.

Tudo rápido, trágico, terrível. Grande surto Pandêmico.

Humanidade pega de surpresa, sem preparo, sem remédio específico, sem vacina, informações contraditórias. Hospitais sem capacidade para acolher tantos pacientes ao mesmo tempo, sem respiradores necessários, profissionais dedicados, desdobrando-se para, humanamente, dar atendimento aos infectados, enquanto, majestoso, absoluto, sem piedade coronavírus transitava livremente, ceifando vidas. Indescritível! Temor a cada lugar. Medo generalizado.

Panorama vivenciado: Isolamento Social. Uso de máscara, obrigatório. Sem futebol, shoppings,

Restaurante, reuniões familiares, culturais, sem escolas, grande desemprego.

Recorremos à Religião em busca de apoio à nossa fragilidade. Buscamos uma luz.

Fé e Esperança na presença de Deus.

Neste isolamento mergulhamos dentro de nosso interior enquanto o mundo vai se tornando diferente: abraçar, beijar nossos entes queridos pode ser contagiante; nossas viagens que tanto nos alegravam nem pensar; abrimos nosso guarda roupa e tão pouco precisamos dele;

Os calçados – ah! os calçados, nada mais que confortáveis pantufas, nestes dias frios; nosso espírito se volta para a fraternidade. Acendemos nossa cota de amor ao próximo.

A terra mãe, explorada, vilipendiada, queimada, sofrida, também grita por socorro.

Nova visão de mundo! Sentimento de igualdade, de ajuda, sem egoísmo.

A proliferação do Coronavírus se transformou em um dos maiores desafios da humanidade.

Lidar com uma pandemia infecciosa, de proporções mundiais, não é algo recente. Surtos pandêmicos se repetem pelos séculos com algumas semelhanças, tanto na forma de propagação, quanto na sua contenção, quanto no medo.

Tivemos a peste negra. Peste bubônica, peste do Egito, peste Justiniano, Gripe Espanhola e outros surtos pandêmicos, registrados na História. Todos deixaram rastro de dor e sofrimento.

O comportamento humano semelhante sempre agora não está sendo diferente: Prática de Isolamento social, adotada no Velho Testamento.

Lá fora política acirrada: valor do ter ; o ser ignorado. Miséria ! Contexto mundial sofrido !

Precisamos aceitar imposições, sem queixas ,sem lamúrias, espocar de dentro de nosso ser, o que já possuíamos e foi isto que eu fiz.

Fiz da Poesia a minha oração. Estimulava-me, inspirava-me, exalava vontade de viver, não simplesmente vivia.

Fazia poesia diariamente e surgiu meu primeiro livro de Quinta , intitulado Quinta - Novo Alvorecer , fruto deste isolamento...luz do meu caminho .

Neste meu novo viver, valorizei o abraço, o lar, o calor humano: acompanhei o desabrochar de um pé de orquídea, a ordem, a disciplina (cada flor na sua vez), a espera, o respeito;

Valorizei o tilintar da campainha anunciando a chegada da filha e filhos; o tic-tac do meu cuco me informando a hora do remédio ; o barulhinho do elevador, que docilmente vem me buscar; o cheirinho bom do alimento, preparado na cozinha...coisa pequeninas, que representam muito. O cachorro de uma amiga morreu – tive tempo de ouvir-lhe o pranto.

Enquanto a ciência, não nos contempla com vacina, ou remédio eficiente, específico, buscamos na prece um pouco de conforto, trazendo do Altíssimo o alimento para tranquilidade de nossa alma perante o invisível que tanto nos assusta.

Com novas reflexões, crescemos e nos tornamos mais humanos; com uso de máscaras, mais iguais: olhos que falam, sorriem, se comunicam; aprendemos a valorizar o momento, a palavra, nossos passos, nosso caminho, nossa sombra; enxergamos favelas, palafitas, população de rua...está mais aberta a nossa consciência.

Escutei, na TV uma filha, inconformada dizendo: Somos milionários. Meu pai morreu por falta de ar, coisa que não se compra. Lamentável! O dinheiro não pode tudo.

Também presenciei na TV um filho, desesperado, por não poder ver a mãe, agonizante, com coronavírus, escala a parede exterior do Hospital e a vê pela janela através do vidro.

Comovente! O amor pode tudo.

Observei encantada, bando de garças passeando livremente pela orla de Guaratuba – natureza se recuperando, nos devolvendo sua beleza; aprendemos a olhar para o ser humano com mais afeição; sofremos a mesma dor, estamos no mesmo conflito.

Confiamos no Pai! Sairemos desta, engrandecidos no nosso Eu, melhores seres humanos, com roupagens diferentes, horizontes mais alargados e com novas escolhas.

Em um surto de euforia, vamos nos juntar festejar, cantar nos abraçaremos felizes. Só alegria! Lamentaremos os mortos. Agradeceremos o nosso viver. Viver em tempo de pandemia, que não escolhe vítima, é uma dádiva de Deus.

A Vida não é somente o dia de hoje... é a ponte que nos leva ao outro lado.



Dóris Araújo
Montes Claros - MG

Quem é Dóris Araújo?

Dorislene Alves Araújo ou simplesmente Dóris Araújo. Mineira, nascida em Montes Claros. Professora, escritora, poeta, performer, amante das artes. Casada com o prof. Sebastião Abiceu. Tem três filhos: Flávia, Gustavo e Marcela Elise. Graduada em Letras Português/ Francês pela Unimontes (FUNM/ FAFIL). Homenageada por instituições culturais e também pela imprensa local. Vencedora em vários concursos de poesia.

Homenageada pelo Salão Nacional de Poesia Psiu Poético, em 2000. Membro - efetivo da Academia Montesclarensense de Letras; da Academia Feminina de Letras de Montes Claros, da Academia de Letras, Ciências e Artes do São Francisco; do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros; membro efetivo da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas e membro efetivo da Academia Internacional dos Quintanistas. Livros publicados: A Dança das Palavras, Canção do Amanhã, Dóris e Dário (escrito em parceria com Dário Teixeira Cotrim), O Primeiro Voo e A Poética do Olhar. Participou de inúmeras antologias e revistas nacionais e internacionais. Possui muitos livros inéditos. Em síntese, Dóris Araújo é uma pessoa apaixonada pela vida. Ela acredita que a arte é suporte imprescindível na construção de uma cultura de paz.

VIAGEM EM TEMPO DE PANDEMIA

Dóris Araújo

Foi num dia de calor insuportável que o nosso aparelho de ar condicionado entrou em parafuso, endoideceu. Recusando-se a obedecer ao comando do controle remoto, ao invés de refrescar, insistia em esquentar ainda mais o ambiente. E se isso não bastasse, começou a me ditar ordens.

Estupefata, eu tapava os ouvidos e me distanciava dele. E o deixava falando sozinho. Mas suas palavras, magicamente, apareciam projetadas nas paredes, coloridas e piscantes, como placas de neon.

A vida não me poupa, não nos poupa.

Naquele dia, como de costume, o telefone chamou até emudecer.

Também pudera, quem aguenta tanta amolação das chamadas de números desconhecidos, vindas de toda parte do país? Para esses, quando atendo, sou a sargento Silva. Eles parecem não gostar da tal sargento, pois desligam em sua/minha cara. O que me faz sentir vingada.

A chuva prometera vir e não apareceu. O sol aproveitou a deixa e sorria largamente...Vento, nenhum. Sequer uma brisa.

Notícias tristes nos chegavam a toda hora, sem cerimônia. Sentia-me angustiada. Pois o sofrer alheio sempre me deixa abalada emocionalmente.

Para mim, ainda mais triste é quando sabemos que nada podemos fazer a respeito, além de rezar. A oração me alivia o peito, me traz esperança e confiança de que tudo se ajeitará. Com o Senhor no comando, não há tempestade que não seja vencida. Eu creio.

Assim como tenho certeza de que a morte não existe, sei que o corpo é perecível, ao pó retornará, porém, o espírito imortal sobrevive, transcende. Alça voo. Continua a evoluir. Isso me conforta.

Tudo que diz respeito à matéria não nos pertence. Da matéria somos apenas usufrutuários. Se essa é a verdade, por que tanta ambição? Por que tanto orgulho? Tanto egoísmo? Tanta mesquinhez?

Procuro caminhar com os pés firmes na terra e os olhos voltados para os Céus.

Encontrava-me envolvida nessas reflexões, quando, subitamente, senti um cheiro de queimado. Meu Deus! Esqueci a panela no fogo! Eu havia perdido completamente a noção do tempo...Saí correndo escada a baixo em direção à cozinha, e descartei a comida tostada. Sem pestanejar, pedi socorro ao doutor Google. Uma maneira de acabar com o cheiro terrível que infestava o ar.

Entre um milhão de dicas dadas, optei pela mais prática. Coloquei água pra ferver, acrescentando rodela de limão. Esperando impaciente pra ver no que aquilo ia dar. A receita fora infalível, depois de alguns minutos, o ambiente já estava mais respirável. Aliviada, agradei ao doutor Google.

Na televisão, as notícias não estavam nada agradáveis. A saúde pública descendo a ladeira, vertiginosamente.

O SUS, Sistema Único de Saúde, que era para ser modelo para o mundo, em colapso, sofrendo com a falta de bom gerenciamento, e também por falta de investimentos financeiros. Nos hospitais, filas intermináveis, insuficiência de médicos, falta de leitos, falta de humanização no atendimento às pessoas dependentes desse sistema de saúde.

Na verdade, no Brasil, tanto a saúde pública quanto a saúde privada vivem dias de escuridão.

A corrupção andando a galope. A inflação marcando território. A impunidade grassando em todo tempo e espaço. A violência, de boca escancarada, arreganha os dentes.

Injustiça social, desemprego, impostos altos... Tudo isso, infelizmente, continua sendo tema recorrente na pauta da grande mídia.

Tanta desconjuntura no mundo, tão crua a realidade! E a maioria de nós vivendo de fantasia, virtualmente. Andamos conectados com as redes sociais e desconectados da vida real, dos amigos reais, de nossa própria família.

Até ontem, dependentes digitais era a nossa lamentável condição.

Humanos desumanizados pelo ensimesmamento digital nem percebíamos o correr do tempo...

Numa tarde ensolarada, o telefone voltou a tocar com muita insistência. Reconhecendo na tela um número familiar, atendi.

Com alegria, recebi a boa nova do nascimento de Gael. Meu coração pôs-se a cantar.

E permaneceu iluminado e iluminando por muito tempo. Meus netos são o maior motivo de meu encantamento pela vida.

Foi por causa de um deles que programei aquela viagem que seria a dos meus sonhos. Eu viajaria para o Canadá em companhia de Vera Roveri, mãe de minha nora Priscila, que é esposa de meu filho Gustavo. Eu sonhava conhecer o Davi, meu netinho canadense.

Mas fazer um bate e volta do Brasil ao Canadá não estava em nossos planos. Porém, foi essa a experiência que tivemos que vivenciar.

Em 30 horas vivemos o que havíamos planejado para vivermos em um mês. Uma aventura absurda para duas distintas e inexperientes viajantes.

Em São Paulo, antes de irmos para o Aeroporto Internacional de Guarulhos, ligamos para confirmar se estava tudo certo com o nosso voo, pois, devido o COVID-19, que em 11 de março do corrente ano havia passado de epidemia para uma pandemia, muitos países haviam fechado suas fronteiras e, conseqüentemente, muitas empresas haviam cancelado seus voos.

Para nosso contentamento, iríamos viajar sim. O Canadá estava de fronteiras abertas. Então, contrariando os conselhos de alguns familiares, o nosso sonho se realizaria. Embarcamos. Aos olhos de muitos, parecíamos duas mães insipientes que a qualquer custo queriam afagar os seus rebentos. E em razão disso, estavam colocando em risco suas próprias vidas.

No horário previsto, decolamos; aparentemente sem problema algum. Para nós, tudo estava bem, tudo sob controle. Mal sabíamos que, na realidade, o Canadá também estava prestes a fechar as suas fronteiras.

No momento em que isso aconteceu, o nosso avião já havia decolado fazia um bom tempo. Estávamos em pleno voo, e sem a mínima noção do que estava acontecendo fora dele.

Quando pousamos em Toronto, nosso destino, nós, passageiros, desembarcamos naturalmente. No entanto, para a nossa decepção, não nos permitiram sair de dentro do aeroporto, justificando que as fronteiras haviam sido fechadas para aqueles que não eram residentes ou cidadãos canadenses. Na verdade, a ordem era para que o passageiro que não se encaixasse em nenhum desses dois grupos retornasse urgentemente ao seu país de origem. Aturdidas, a Vera e eu, sentimos que, ali, terminavam os nossos sonhos. Voltaríamos ao Brasil sem termos tido a oportunidade de abraçar nossos amados, e sem que eu tivesse a chance de conhecer o meu neto.

Porém, um milagre aconteceu. Diante de nossa tristeza, de nossos apelos e de nosso indisfarçável desespero, uma oficial da Embaixada, sensibilizada, foi mais flexível e nos autorizou passar o dia em casa de nossos filhos, desde que nos comprometêssemos retornar à noite ao aeroporto para a viagem de regresso ao Brasil. Por garantia, os nossos passaportes ficariam retidos e só nos seriam devolvidos à noite, no momento do nosso embarque.

Dessa forma, eu tive a dupla felicidade de conhecer meu netinho Davi (a Vera já o conhecia, já os havia visitado por três vezes), e pude também abraçar meu filho e minha nora, que há mais de cinco anos eu não via.

À noite, honrando a nossa palavra, retornamos ao aeroporto, e, “voluntariamente” pegamos um voo de volta à nossa pátria. Comigo, impregnado em minha alma, eu trouxe o perfume reconfortante e adocicado dos cabelos do amado Davi. E no coração trago ainda a esperança de poder retornar ao Canadá, assim que as coisas voltarem ao normal. Isto é, quando a pandemia passar. E isso há de acontecer.

Por enquanto, tanto aqui como em qualquer lugar do Globo, estamos aprendendo a viver emparedados, pois o COVID-19 não está dando trégua. No mundo, o tempo anda fechado o tempo todo. Os braços perderam a lírica função de abraçar. O toque foi abolido.

Os encontros festivos foram suspensos. Perdemos o direito de ir e vir... O isolamento social não nos permite exercitar o olho no olho. O sol afastou-se do nosso planeta...

Repentinamente, o mundo se desertificou. Não há mais música no ar, não há mais namorados de mãos dadas, não há mais movimento nas praças e nem alarido de crianças nas escolas... A banda não toca mais.

O que vemos nas ruas é um desfile fúnebre de pessoas usando máscaras, adereços indispensáveis no look atual. Pesquisas feitas afirmam que os materiais de higiene tornaram-se “tendência do novo consumo em tempos de coronavírus”. Sobretudo o álcool em gel, que já está

ficando raro, e quase tão caro quanto os melhores perfumes.

O número existente de hospitais tornou-se insuficiente para atender a demanda de infectados.

Vivemos dias nublados. Tempo de pessoas temerosas. Sufocadas.

Tempo de desolação. Tempo de profunda reflexão.

A nossa nave parou, mas não há como desembarcarmos. Não existe campo de pouso seguro. Estamos todos sob a mira de um inimigo comum, invisível e mortal. Estamos vivendo o horror da “radicalização do confinamento coletivo”.

Se antes do Coronavírus vivíamos isolados por egoísmo; hoje nos afastamos daqueles a quem mais amamos por prudência, por precaução, por cuidado, por zelo.

Pela simples razão de não termos conseguido aprender pelo amor, estamos sendo forçados a aprender pela dor. O COVID-19 tem nos ensinado duras lições. Curso intensivo, sem tempo determinado para acabar.

Que Deus nos ajude! Que os cientistas descubram a cura para este mal.

Que a vida vença a morte. Que a luz vença o medo.

Por fim, que o nosso aparelho de ar condicionado volte ao seu Juízo perfeito.

Dóris Araújo

Academia Montes-clarense de Letras



**Giseli Barros
Mariana – MG**

Giseli Barros

Giseli Ferreira Barros nasceu em Ouro Preto-MG. Passou a infância no estado do Espírito Santo e reside atualmente em Mariana-MG. Professora de Língua Portuguesa, Redação e Literatura – ensino fundamental e médio – em Mariana e Ouro Preto, é também contadora de histórias. Graduada em Letras pela UFOP. Mestra em Literatura Brasileira pela UFMG. Foi professora alfabetizadora na rede particular de ensino em Mariana e professora temporária do curso de Letras e Pedagogia da UFOP. Atuou como supervisora pedagógica do Curso de Coordenação Pedagógica e Formação de Professores, do Programa Nacional Escola de Gestores, UFOP. Recebeu o diploma e a medalha de mérito educacional, concedidos pela ALACIB – Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil. Atua como coordenadora da ABRAAI - Academia Brasileira dos Autores Aldravianistas Infantojuvenil, no Colégio Flecha, em Mariana, em parceria com a professora, escritora e pesquisadora Hebe Rôla Santos. Membro Efetivo da ALACIB-MARIANA e da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas. Coautora dos livros de aldravias “*Auri Sacra Fames*”, 2018, “*Eritis Sicut Di*”, 2019, e “*Libertas Loquendi*”, 2020. Organizadora do livro *Aldravia: na via de florescer*, Editora Aldrava Letras e Artes, 1ª edição, 2019. 2º lugar no Concurso Literário Virtual Relâmpago UBE-RJ 2020, com o poema “Cores no jardim”. Colunista no jornal Agência Primaz de Comunicação. e-mail: giselifbarros@hotmail.com

A PREVISIBILIDADE HUMANA: DESDENHAR DO QUE DESCONHECE

Giseli Barros

Uma segunda-feira como outra qualquer. Sem grandes expectativas sobre a semana que se inicia, acordo cedo para seguir o ritual de sempre. Olho para o relógio, tomo o café, passo a agenda em revista, e, por fim, pego a bolsa com os objetos já organizados para mais um dia de trabalho. Verifico, uma última vez, se está tudo em ordem e abro a porta.

Chego ao portão. Um sujeito estranho barra a minha passagem. Não consigo identificar direito o seu rosto. Giro a chave, mas penso em recuar. Talvez seja melhor aguardar que ele se afaste. Porém, dois problemas se apresentam ao mesmo tempo: vou me atrasar e é bem provável que ele perceba a minha intenção. Escolho, então, espiar o celular. Finjo receber uma ligação. Não adianta. Não se desloca um centímetro. Penso se devo abrir o portão, pedir licença e correr para o trabalho.

“Aonde vai com tanta pressa? Não reparou em nada ainda, não?” Duas perguntas, assim, inesperadas. Um assalto? É isso? O que devo fazer? Tentei fixar o olhar, mas os raios de sol impediram que a minha visão pudesse identificar bem aquela estranha figura e seus gestos. Olhei para além do portão, mas nenhum vizinho

por perto. Como não arredasse o pé do lugar, momentaneamente, dei-me por vencida, desse modo, a conversa teria logo um fim, e, se algo ocorresse, o fato é que eu ainda estava em casa, e o jeito seria gritar. Foi o que me veio à cabeça.

Não ousei dizer palavra alguma. Fiquei imóvel. E como, nesse ínterim, a minha tranquilidade já se perdera, ele esboçou um sorriso e prosseguiu: “O ser humano me parece bem previsível. Se quer provar o que eu digo, basta parar apenas por um momento e observar minimamente como agem. Se não estão correndo por aí, acumulando coisas, fazendo planos para um futuro incerto, outros tantos se dividem ainda em um grupo que reclama das ações alheias, outro que não se importa com absolutamente nada. Tá. Sei que há uns acordados. O problema é o preço que esses pagam pela irresponsabilidade ou inércia dos demais. Veja só, você, está aí com medo de um assalto, ou, ao menos, pensando no aborrecimento de chegar mais tarde no trabalho, numa segunda-feira. Tão cheios de si, deliberam sobre todas as coisas, mas não se dão conta do óbvio. Chegamos à era da alta tecnologia: O homem é o dono do universo. Um bom slogan, não é!? Tudo bem que esse é um desejo antigo, mas, hoje, é só decidir por um clique que esse planeta é arrasado. Vocês são realmente previsíveis e incríveis ao mesmo tempo. Antítese ou paradoxo? Não quero tomar muito mais o seu tempo. Se, por obséquio, puder dispensar somente alguns minutos adicionais, prometo, não vou me alongar. Sabe de uma coisa? Eu até admiro essa letalidade de vocês. Para um excêntrico

pode ser entendido como audácia. Quem sabe? Será excesso de convicção? Vocês fazem desse planeta o que bem entendem. Veja bem a novidade! Não se deu conta ainda? Claro, são casos isolados. Não sejamos fatalistas, porque dificilmente algo terrível acontecerá, e todos têm o direito de ir e vir. Aqui, no Brasil, acabamos de sair do carnaval, e o ano teve início, exatamente, agora. Seria tão improvável que uma hecatombe acontecesse, mas... eu preciso dizer que essa arrogância é o que faz de vocês, seres humanos, mais previsíveis. Ficam aí driblando a Morte, porque já se esqueceram do Medo. O plano deve ser esse mesmo: desdenhar do que desconhecem. Isso tudo porque, tão cheios de si, não conseguem ver mais nada. Seus olhos já estão embotados faz tempo. Tolinhos. Gosto do ditado que diz o seguinte: “Você colhe o que planta.” Todos verão mais uma vez o campo de trigo tomado pela impureza. Serão dias muito difíceis. Zombaram dos deuses, de um Deus, da razão e brincaram com a Morte. Agora o Medo está aqui, diante de ti, perguntando se tudo isso valeu mesmo a pena. Sei que você está com pressa. Não quero mais tomar o seu tempo.”

E partiu abruptamente, como num sonho. Abri o portão e corri para o trabalho. Foi o último dia que saí de casa. Entremeio a realidade e o pesadelo, são meses de isolamento social, com uma rotina totalmente alterada graças a nós mesmos. Não ousa contabilizar os estragos que causamos. Abraços interrompidos. O luto em silêncio. No momento em que mirei os olhos do Medo, tomei consciência da condição humana. O que fazemos da

nossa casa é imensamente triste para mim. E se eu contar a alguém desse encontro, dirão que preciso de terapia, porque já é efeito do excesso de *fake news*, remédios para dormir e da pressão do *home office*. Não creio em milagres e sei que ainda há muito o que amargar, inclusive, após a pandemia. Nas minhas memórias, o encontro, a doença, a fome e a crise humana se misturam. Sabe-se lá o que virá depois do momento em que eu puder, realmente, enfrentar a vida e abrir esse portão!



Joseani Netto
Santos Dumont – MG

Joseani Netto

Joseani Netto – natural de Santos Dumont, Minas Gerais, é Mestra em Letras – ProfLetras/UFJF, Dissertação: *Do conto à aldravipeia – uma proposta de ampliação do repertório literário através da produção de textos poéticos*. Membro efetivo da SBPA, coordenadora do Projeto de Leitura LeiturAMA-SD, membro atuante da AMA- SD, Coordenadora/Fundadora da ABRAAI-SD e Membro Correspondente da APEL/Portugal. É contadora de histórias, palestra sobre Educação e Literatura, ministra oficinas e atividades culturais voltadas para o incentivo à leitura e à escrita. Tem seus textos publicados em Antologias Literárias e participa de forma atuante em oficinas, palestras, cursos, saraus e atividades afins. Possui certificados e medalhas de Mérito Cultural por sua atuação como fomentadora da cultura local e da região, oferecidas pela Câmara dos Vereadores de Santos Dumont, SBPA, Lesma Poesia, Rotaract, Interact dentre outros. Contato: josesd27@yahoo.com.br

ROSA

Joseani Netto

A crônica por definição é a reflexão de momentos do dia a dia, com uma pitada de poesia que os mais bravos escritores são capazes. É deixar para a eternidade um momento frívolo ou um momento que será revisitado pelos mais distraídos dos leitores. Talvez seja eu capaz de uma crônica poética, mas às vezes, as dores da vida não nos permitem poesia alguma.

Hoje, à tarde, estava sentada no salão de espera da clínica onde me trato ou que pelo menos tento me cuidar. Olhei para os lados buscando um motivo para um texto e um pouco de distração daquela espera monótona. Vi uma senhora, olhar soturno, pele amarelada e uma boca tão rosada! O tom rosa dos seus lábios me lembraram as rosas que minha mãe plantava no nosso quintal, pequeninas. Abreviadas no tempo, ou pela terra sem muitos nutrientes ou pela água mirrada que quase não jorrava da torneira daquele tanque de pedra.

Lembrei do quão rosa eram as manhãs de segunda-feira, quando o céu acordava preguiçoso para depois encher nosso dia de sol. Levantava-me com o cheiro do café no bule, do angu doce recém saído da panela de pedra trazida pela minha mãe quando ela saiu da fazenda dos pais e veio morar na cidade. Lembrei da infância acolhedora no colo de meu pai que recitava poemas de não sei o quê e não sei de quem, mas que muito me agradavam as rimas e os desfechos. Recordei a escola que me ensinara as letras e os números, as

professoras bravas, porém amorosas, que nos recebiam com suas bochechas rosadas de blush e com seus perfumes cheirando flores.

Também o perfume me lembrou as várias passagens de entes queridos que eram velados na sala de casa, rodeados por parentes distantes e amigos íntimos que conversavam sobre os feitos e não feitos daquele ser, agora estático e sem vida, mergulhado em rosas, geralmente brancas.

Olhei novamente pelo salão para que pudesse recolher mais alguns instantes e poder trazer à memória momentos que me dessem um pouco de vida. Qual um pirata que rouba naus estava tentando roubar minutos, segundos preciosos para movimentar aquela espera e instituir em mim um pouco mais de sensatez. Todavia, somente o rosa dos lábios daquela senhora me vinham aos olhos e à mente. O que será que eles profanaram durante a vida? Não sei a idade dela, mas creio que uns 70 e poucos. Setenta anos de vida já dão um bom livro com muitas histórias. Que bocas outras teriam ousado tocar nos lábios da senhora e pudessem hoje contar de suas aventuras amorosas? Teria ela muitos amores ou teria amado uma só vez, selando os lábios para que ninguém mais os beijasse? Não sei. Mesmo que especulasse por horas, não conseguiria respostas.

De repente, a senhora levantou a cabeça e olhou-me com um olhar terno, fiquei meio sem graça, pois a estava observando, encarando e imaginando coisas que talvez ela não quisesse que eu descobrisse. Entretanto, seu olhar profundo penetrou em minha alma de tal maneira que ouvi de leve um murmurar sentido. Uma embriaguez causada pelos anos vividos e pelas lembranças já longe. Desviei meu olhar como quem se ressentia da vida.

Sim, eu estava ressentida da vida, das perdas, da brevidade das coisas, dos amores raquíticos que me prenderam por um tempo em teias difíceis de serem desfeitas. Estava ressentida por não ter lábios rosados e tão bem feitos como o da senhora. Mesmo ressentida, consegui olhar de esguelho para ver se ela ainda me fitava ao mesmo tempo em que ouvia um nome ser chamado pela enfermeira: Rosa! E quando resolvi me virar por inteiro, ela caminhava pelo salão rumo ao consultório médico. Coincidência ou não, seu nome era Rosa. Seguiu acompanhada por uma jovem de cabelos pretos como a noite que encerra os dias.

Eu fiquei ali, esperando minha vez. Perdi a inspiração daquela tarde ao perder de vista a senhora Rosa e seus lábios perfeitos. E de muito imaginar, cheguei à conclusão de que Rosa não se maculara tocando outras bocas, hermeticamente se fechara ao mundo, muito menos profanou a vida. E por quê? Por que não era ela misteriosa ao ponto de não poder decifrá-la. Sua boca denunciava sua pureza e seu olhar confirmou minhas suspeitas.

Ouvi meu nome, levantei-me e fui em direção à sala em que os mistérios, os amores, os lábios rosa ou carmim não fazem a menor diferença, porque lá está a realidade que por ora me faz querer mais vida e temer demasiadamente a morte. Não cheguei nem à metade de um século, minha vida ainda não serve para um livro, mesmo que com letras mal traçadas. Minha vida ainda precisa dos raios noturnos e do sol da manhã, ainda precisa da chuva fria e das pedras que encontramos no caminho. Minha vida ainda precisa de netos e festas, de sombras e de amor.



Jô Drumond
Vitória – ES

Jô Drumond

Jô Drumond (Josina Nunes Drumond), mineira, radicada em Vitória/ES desde 1989.

Área de atuação: escritora, poeta, artista plástica, pesquisadora literária, professora, tradutora juramentada de Francês.

Formação acadêmica: Pós-doutorado, Doutorado, Mestrado, 2 Pós-graduações lato sensu e 4 graduações, sendo uma pela Université de Nancy (França).

Atividades: membro efetivo de 3 Academias de Letras: AEL, Afesl e Afemil; membro do IHGES e do Conselho Estadual de Cultura (ES)

Prêmios literários: diversos prêmios em prosa e poesia (ES, MG, PA, RS)

Publicações: 18 livros publicados +3 antologias(org.) + tradução de 2 livros poemas

Diversas publicações em revistas, jornais e anais de congressos. Na internet, (revistas digitais): hispanista; especulo (Madri); Kalíope, Cronópios, Mosaicum.

Blog: www.artigosdajo.blogspot.com.br; **Colaborador a dos jornais:** Folha Patense (MG); www.jornaldepatos.com.br (MG); www.acontecedoonline.com.br

Artes Plásticas: participação em 17 exposições coletivas: pintura, marchetaria, esculturas, serigrafias, xilogravuras, fotografias, monotipias, mosaico e aquarela.

ESFINGE COVÍDICA

“DECIFRA-ME OU TE DEVORO”

Jô Drumond

Édipo conseguiu decifrar o enigma da esfinge que afligia a cidade de Tebas. Todos os que o precederam foram por ela devorados. Os cientistas estão tentando decifrar o enigma do coronavírus. Caso não o decifrem, poderão ser por ele devorados, assim como nós. Para a aflição de todos, além de apresentarem diferentes pontos de vista, os cientistas, às vezes, são contraditórios. A população mundial sente-se à deriva, num caótico caudal. Ninguém pode ter certeza se estará vivo dentro de uma quinzena ou de um mês. Como fazer planos?

Durante a pandemia, estamos todos diante de um iminente perigo invisível, porém real e poderoso. Isso nos remete a uma das mais importantes obras da Literatura Brasileira, em que o ser humano está o tempo todo exposto ao perigo, tal qual Édipo, na encruzilhada, diante de uma esfinge enigmática. Em **Grande sertão:**

veredas, de Guimarães Rosa, o mote "viver é muito perigoso", repetido insistentemente ao longo da narrativa, demonstra que o perigo de viver consiste no próprio fato de existir (no constante perigo de morte).

Faremos um sucinto paralelo entre a incerteza do atual mundo covídico e a incerteza do mundo de Riobaldo, protagonista da obra. Mas, antes disso, é oportuno registrar as recentes opiniões do filósofo francês Edgar Morin (98 anos) sobre o assunto, circuladas nas redes sociais. Fazem parte de sua filosofia as assertivas: “espere o inesperado”, “as certezas são uma ilusão” e “as controvérsias são parte inerente da ciência”. Durante uma entrevista ao jornal CNRS, ele mostra seu ponto de vista sobre o momento de dúvidas em que estamos vivendo, afirmando categoricamente sua descrença nas verdades absolutas da ciência. Baseando-se no fato da incerteza de todos quanto à origem e diferentes formas do coronavírus, quanto aos graus de nocividade sobre diferentes tipos de população e quanto à (in)eficiência da cloroquina para os pacientes da covid 19, ele afirma

que a ciência não é dogmática: “é uma realidade humana que, como a democracia, se baseia em debates de ideias, embora seus métodos de verificação sejam mais rigorosos”. Sabemos que, nos diversos estamentos sociais, há muita apreensão quanto ao desdobramento da pandemia e quanto ao caos econômico dela decorrente em todo o mundo. O pensador lamenta a irresponsabilidade dos gestores da crise em seu país, quando afirmam, em certo momento, a ineficiência da máscara e a inutilidade dos testes, na tentativa de esconder da população o fato de não haver mais máscaras, nem testes disponíveis no mercado. Quanto ao confinamento, a seu ver, ele pode ser problemático para os que estão habituados a passar grande parte do tempo fora de casa, mas pode ser benéfico para todos no que se refere ao despertar do humanismo e à conscientização da solidariedade, do companheirismo, da amizade, do amor ao próximo... Pode ser que tiremos algo proveitoso da tragédia que se abate sobre nós.

Segundo Edgard Morin, nossa necessidade de certeza, oriunda do processo civilizatório, agrava ainda mais a crise existencial de cada cidadão, pelo fato de não encontrar um eixo, ou um ponto de apoio para aliviar a tensão. Isso nos remete à obra de Guimarães Rosa, citada inicialmente. A dupla face das coisas, dos seres e das circunstâncias nos conduz ao cerne dessa obra na qual não se exclui nem se impõe verdade alguma. Na busca de certezas, encontram-se apenas dúvidas. Por meio de um emaranhado discurso, o protagonista nunca se decide entre o sim e o não. A narrativa se faz por meio de um falso diálogo, ou melhor, de um monólogo com desdobramento dialógico, que, no entanto, não se concretiza. Dúvida, hesitação, indecisão e insegurança perpassam todo o romance: na indefinição do foco narrativo, no imbricamento de níveis narrativos, na indefinição dos personagens que se apresentam como indivíduos divididos, na atopia e na acronia, ou seja, na indefinição espacial (o espaço se espalha em todas as direções), e temporal (presente e passado se deslocam, se entrecruzam e se embaralham), nos questionamentos metafísicos de Riobaldo... Até mesmo o gênero da obra é questionável: épico, lírico e dramático se imbricam. Não é fácil classificar uma obra em que quase tudo é indefinido. Os críticos divergem

entre romance, novela, epopeia, saga ou conto. Em verdade, trata-se de uma *Opera-mundi*, expressão que designa textos literários que não se enquadram nas classificações usuais, não se moldam aos cânones literários. A permanente e inconclusa dialética rosiana ocasiona a oscilação das polaridades, em uma narrativa singular, levando o leitor de uma esfera a outra, suspenso entre o ser e o não ser, num sertão paradoxal e labiríntico. A narrativa não se presta a desvelar ou a desvendar os enigmas da vida nem os sentidos das coisas. Ela se desdobra numa densa trama de imagens e numa nebulosa de signos, tendo um narrador que usa "palavras tortas", no afã de contar o que não sabe, de ponderar o imponderável e de buscar o infinito.

Num romance sem fronteiras, como esse, a conclusão não existe. O herói não é herói nem anti-herói e sim "homem humano". O que lhe resta é a infinita procura, num caminho que não se fecha; bifurca-se infinitamente. No caso da pandemia, nos resta também a infinita busca, mas diferentemente do romance, em diversos caminhos que se convergem para um só destino: a cura. Enfim, o mundo todo espera que a ciência decifre o quanto antes o enigma que nos aflige, antes que a esfinge nos devore.



Jamylle Mol
La Plata – Argentina

Jamylle Mol é formada em jornalismo pela UFOP.
Marianense, mora em La Plata (Argentina).

A ÚLTIMA LUZ DO LAMPIÃO

Jamylle Mol

Alguém pensou que seria boa ideia propor um aplauso coletivo. Todos os dias, às nove em ponto, todos nós chegaríamos na janela ou na varanda e bateríamos nossas mãos com a maior força possível. Uma maneira de agradecer aos médicos. Ou de mostrar que estamos vivos e despertos, no fim das contas.

O barulho das nove horas devolve o ar ao silêncio cortante da avenida. Quem não tem varanda se aperta entre uma janela e outra. Eu reparo nos pijamas. Nas caras de susto. Nos olhares que acham espaço entre os fios de luz. Nas mãos que se cumprimentam à distância. No vazio que volta a calar o verão.

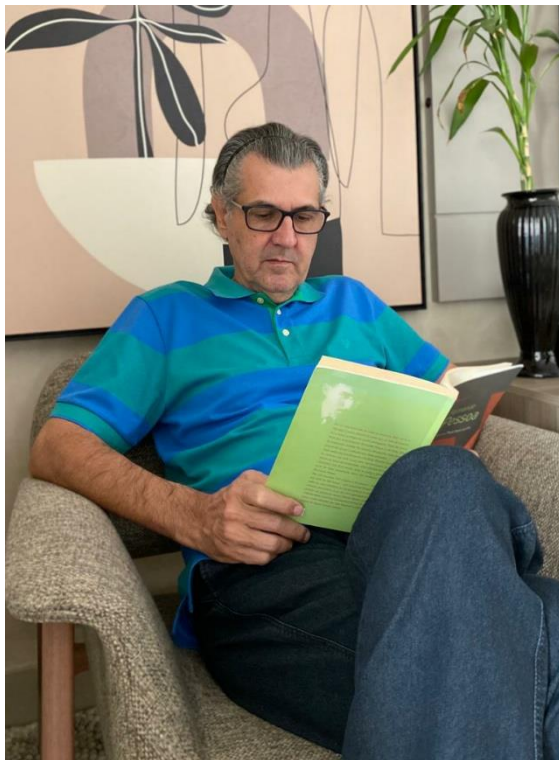
Enquanto caem as folhas das árvores, a casa da esquina é a única que ainda aplaude. Por medo ou por esperança. Ele, com suas pantufas azul-marinho. Ela, com sua bengala e seu lenço de flor. Às vezes, saem apenas por alguns minutos. Em outras, aplaudem e esperam. Vejo como reparam nas outras sacadas. Nas mulheres que passeiam seus cachorros. Nos motociclistas que cruzam o sinal.

Quando chove, se chove, só consigo ver suas mãos, as veias roxas balançando no ar. Uma e outra vez. Uma e outra vez. Me distraio com seus cachecóis. Com o

casaco gasto e marrom. Talvez tenham filhos. Ou um cachorro velho e gordo no tapete da sala. Sentem saudade, assim como eu.

Buzinas. Bicicletas. Latidos. O eco abafado das vozes que saem das bocas escondidas. A cidade vai, aos poucos, recuperando o som. Às nove em ponto, quem presta atenção consegue ouvir suas palmas distantes. Tremidas. Exaustas. Como a última luz do lampião.

Não sei se me veem na janela. Se sabem que estou sempre aqui. Talvez continuem a sair apenas por mim. Eu, que nunca aplaudi.



João Gimenez
Belo Horizonte – MG

João Gimenez

João Gimenez é escritor e poeta. Bacharel em Ciências Econômicas e Mestre em Economia de Empresas, concluiu sua carreira no Banco do Brasil em 2018, após 31 anos de trabalho. Paranaense de nascimento – mas mineiro de coração – nasceu em 06/02/1960 e radicou-se em Belo Horizonte no ano de 1978, ao iniciar seus estudos em Economia pela PUC Minas. O autor escreve semanalmente em sua página no Facebook, sob os títulos “Poesia da Sexta” e “Aldravia de Domingo”. Foi admitido na Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas em 2016 e é Membro Efetivo da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil - ALACIB - Mariana, desde março de 2019. Participou dos livros IV, V, VI e VII das Aldravias, as antologias *Mineralamas*, *In Absentia*, *Auri Sacra Fames* e *Eritis Sicut Dii*. João Gimenez tem dois livros publicados pela 3i Editora, *A Completude do Verso* (2013) e *Versos Velados* (2015). Em 2019 foi premiado em 3º. lugar no Concurso Internacional de Literatura da UBE/RJ, categoria aldravias, Prêmio Gabriel Bicalho, com o livro “O céu, a lua e as estrelas”, editado pela Aldrava, Letras e Artes em novembro de 2019. João Gimenez é Membro Correspondente da Academia Internacional de Heráldica - Portugal.

SOBRE O VALOR RELATIVO DAS COISAS...

João Gimenez

A natureza é sábia. Está sempre a nos ensinar pelas vias do amor e da beleza. Na dinâmica instigante das estações. Do nascer ao pôr do sol. Na diversidade das cores que formam o arrebol. No céu azul das manhãs de outono. Na florada esperançosa dos ipês, nas cores primaveris. Na brisa leve, na chuva mansa, no arco-íris das tempestades.

Mas, nós não temos sido bons aprendizes nesses quesitos de contemplação da vida natural. E aí só nos resta a alternativa de aprender pela dor...

A pandemia da covid-19 pegou-nos de jeito, desprevenidos sobre o que importa realmente nesta vida. Em todo o mundo. Está a nos acometer e a nos matar aos milhões. Mudou nossos hábitos, nossos projetos, nossos sonhos. Mudou nossa forma de trabalhar e conviver. Desnudou as mazelas dos nossos modos de viver, de conviver, de produzir, de consumir, de se relacionar com a natureza. E nos jogou no mais profundo estado de incertezas.

Intuo que o surgimento desta pandemia em pleno século do domínio tecnológico e digital do ser humano é a dura lição que recebemos sobre como temos errado gravemente. Relativizamos muito mal o valor das coisas e das ideias sobre o real significado que têm para uma vida coletiva em plenitude.

Não reconhecemos o valor essencial das profissões, das ciências e do pensamento crítico para uma vida melhor neste plano. Relativizamos o valor da justiça social e da distribuição da riqueza para a paz igualitária e duradoura, para o mundo inteiro. Não refletimos seriamente, na hora de votar, sobre o valor e a correção das ideias, das narrativas e das promessas daqueles que se candidatam ao papel de nossos líderes.

Calculamos mal o valor de troca - custos x benefícios - das nossas escolhas intertemporais e seus reflexos sobre este mundo, local e globalmente. Este mundo que nos provém - em última instância - dos nossos sonhos e projetos. Sequer calculamos o valor final de uso das coisas que consumimos para o bem da nossa pretensa felicidade. E nem queremos saber se as gerações futuras terão ou não condições reais de pretenderem a mesma felicidade que buscamos.

Não contabilizamos o valor dos danos que causamos à humanidade e à natureza ao cometermos nossos erros coletivos, em nome de ideologias dominantes, radicalistas, absolutistas, alucinantes. E depreciamos o enorme valor da diversidade de origens, pensamentos, crenças, modos de vida.

Não praticamos a tolerância mútua como instrumento de pacificação nas singularidades e diferenças. Assim, esquecemos os danos perenes que as guerras e os conflitos étnicos e religiosos causam sobre o bem estar e a paz no mundo.

E quanto mais materializamos nossas relações, mais insensíveis ficamos. Insensíveis ao valor do que é abstrato. Da sabedoria e do equilíbrio. Da paz de espírito e do amor. Da cultura, das artes e da poesia. Para a leveza dos dias.

Por isso, acredito que, por vezes, vem uma consequência substancialmente coletiva dos equívocos que cometemos, em que todos nós, em algum grau, somos responsáveis. Como espécie que insiste em dominar a Terra com a força bruta que emburrece a nossa razão existencial.

E a covid-19 é – para mim – a consequência da vez a nos ensinar por uma dor que dói em todos, ou deveria doer. A dor de humanidade...

conseguimos que fosse

o invisível a nos conter:

viver é mais que juntar...

imenso, seja-nos o valor

de amar e compreender

Enfim, é o que penso. Inspirado por estes versos fortes e plenos da linda canção de Beto Guedes e Ronaldo Bastos, "Sol de Primavera":

"A lição sabemos de cor,

só nos resta aprender ..."



José Ignacio Ribeiro Marinho
São José de Ubá – RJ

José Ignacio Ribeiro Marinho

Natural de Itaperuna/RJ, mas cresceu e reside em São José de Ubá/RJ. Graduado e pós-graduado em Letras pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Faveni. Pós-graduado em Língua Latina e Filologia Românica pela Universidade Cândido Mendes e em Literatura Contemporânea pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora e graduando em Biblioteconomia pelo Centro Universitário Claretiano. Professor de Português nas prefeituras de Cambuci/RJ e de Itaperuna/RJ. Tutor presencial no curso de Letras (Português/Literatura), na Fundação Cecierj (Consórcio Cederj), ocupando as cadeiras de Latim Genérico, Literatura Brasileira II, Literatura Brasileira III e Português IV. E-mail: josebrenatti@hotmail.com

À SOMBRA DE VOCÊ

José Ignacio Ribeiro Marinho

Há um mês que não escrevo. Há dois meses que não lhe escrevo – embora a vontade seja dantesca e irrefreável. Está tudo seco dentro de mim, tal qual o mês que se inicia: agosto.

Como sempre, confuso e indefeso, miro meus olhos frágeis e melancólicos, olhos de Álvares de Azevedo ou de Cecília Meireles, às negras rochas que habitam incólumes em meio aos arbustos espinhosos, às buganvílias selvagens e à poeira da paisagem local.

Neste domingo de quarentena, tudo me vence. Exatamente tudo. O romance norte-americano, *Uma casa no fim do mundo*, de Michael Cunningham, que me transporta a você. Em especial, uma das citações que se encontram nele: *Talvez a gente nunca se recupere inteiramente dos primeiros amores*. Os galhos do maracujá, ávidos e soberanos, que se entrelaçam em um fio de arame rumo à goiabeira. Os feixes de luz que incidem no muro. A folhagem da cana-de-açúcar do quintal do vizinho, que se debruça sobre o muro, como tentáculos em busca de algo ou de alguém. As galochas brancas, cujos canos encontram-se virados para baixo. Tudo à minha volta cumpre biblicamente seu papel, conforme anunciam as profecias. Enfim, tudo me vence. Exatamente tudo.

A bem da verdade, bem campesino e mais para bicho do mato, com meus imaturos setes anos de idade, no princípio dos anos dois mil, imaginava 2020 resumido em uma única palavra: futuro. Sempre com a imaginação em alerta e fértil, projetava carros voadores, máquinas que possibilitassem, num átimo de segundo, aromas e imagens. À época, sequer poderia imaginar que a literatura distópica, em praticamente todos os sentidos, fosse se concretizar no decorrer de vinte anos. Concretizou-se.

Para muitos, em vários cantos do mundo, a quarentena começou agora; para mim, começou há muito. Começou exatamente desde o dia em que lhe conheci, quando cada um fez o caminho inverso, enquanto talvez deversem seguir em frente na direção um do outro. Neste domingo, à beira da exaustão e da náusea, sobrevivo à sombra de você. À sombra de você.

02 de agosto de 2020

Cronistas da Quarentena



Magna Campos
Mariana – MG

Magna Campos

Nascida em Santa Rita de Ouro Preto, Distrito de Ouro Preto-MG. Mudou-se para Mariana, também em MG, quando ainda era adolescente, e aí reside até hoje. É graduada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Especialista em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). É Mestre em Letras pela Universidade Federal de São João Del-Rey (UFSJ) e Professora Universitária na área de Linguagem e de Metodologia. Escritora e membro da Academia de Letras, Artes e Ciências (ALACIB-Mariana), Magna Campos é autora de livros de Literatura Infantil, entre eles *Cutrica e Futrica e a Festa no Pé de Pitanga*; *Beto Muleta não*, *Beto Joia*; *Bicho Nina*, *Meu Bichão*; *A minhoca Biloca*; *Cof...Cof... Atená e Mixuruca* e, também, de artigos, livros e manuais acadêmicos em suas áreas de atuação.

ÓBITOS... MAS, CALMA, SÃO POR COMORBIDADES!

Magna Campos

Estou tentando me lembrar! Não consigo mais reconhecer as expressões variadas das pessoas, tudo para mim se dissolveu em bits e pixels, vejo inúmeros avatares das pessoas no Twitter, no Facebook, no Instagram, no Youtube, todas felizes, caricatas ou estilizadas, mas, por algum motivo, nenhuma delas me faz lembrar, de fato, de como as pessoas de verdade reagem, conforme as emoções que sentem ou que não sentem.

Uma onda de torpor me assola, com esta aparente amnésia, e rolo ansiosamente a tela de meu smartphone, clicando nas várias notificações que brotam a todo instante, indo de um lugar a outro, sem saber por que nem para quê, mas sigo na esperança de achar algo que me retire desta sensação horrível de desvinculamento com a realidade. Todavia, não sei mais o que é real e o que é surreal.

Só me lembro que estive há tantos dias trancada em casa, tendo como grande companhia a tela, única janela que parecia segura abrir para o mundo, que me perdi no emaranhado de conexões e posts. Obrigações não pararam de chegar, apenas mudaram o itinerário: em lugar de eu ir ao encontro delas, passaram elas a invadir

a minha quarentena – o meu espaço, antes privado –, chegando em forma de bits e pixels, que se empilhavam aos montes em uma agenda integrada virtualmente! Sem hora, sem cerimônia! Mas sempre com uma urgência vertiginosa para serem realizadas!

Inacreditavelmente, fui me mudando para o quarto, em busca de silêncio e privacidade: trouxe mesa de trabalho, depois mais um monitor extra, aos poucos um fone e uma câmera melhores, uma mesa digitalizadora para escrever em pixels, melhorei a conexão com a internet, instalei softwares de trabalho e, assim, o trabalho infiltrou-se em mim, dormindo e amanhecendo comigo no quarto! Não há mais diferença de tempo, manhã, tarde, noite, madrugada... chegam mensagens e comandos o tempo todo, conforme a urgência ou ansiedade de cada um! Todos têm motivos especiais para nos acessarem o tempo todo e nos incluírem em grupos obrigatórios de trabalho. Mas mesmo assim, o privado dos aplicativos de comunicação virou regra! São tantos áudios, tantas figuras para evitar o trabalho dos textos verbais escritos... mas ao mesmo tempo, tão pouca empatia nesta multidão de contatos que nos sugam o dia todo! Meus aparelhos não são mais os únicos que vivem conectados, eu também me tornei... se eu queria? Ninguém perguntou! Tive quê...

Neste redemoinho digitalizante de nossas vidas, os filtros da gentileza parecem ter sofrido uma pane, e, de repente, descobrimos que a regra é não se preocupar mais em ser amigável ou educado, a regra é a ordem, a impaciência, a obrigação de participar e de produzir. Saem os filtros da civilidade, entram os filtros para

retoques de imagens! Sai o tempo de trabalho e o tempo de descanso, entra o tempo integral do *home office*.

Não, não consigo me lembrar da feição real das pessoas, das alterações típicas de humor estampadas sem maquiagem ou cenário em suas faces. Mas sei que não são idênticas às que vêm nos milhares de perfis que me acionam ou que saltam pela tela de meu celular. Mas também não tenho certeza se há diferença, só uma intuição me diz haver, pois na insensibilidade do esquecimento, não consigo avançar na ideia. A exaustão me alcança, estou há horas tentando lembrar...

Meu estômago embrulha! Sinto náuseas! Pareço barco perdido na tormenta, meus pensamentos sacolejam. Mas não me lembro! Por que foi mesmo que fui morar no meu quarto? Quando se deu isso? Ah, sim! Foi pelo vírus! Começou lá longe, era pouco depois do feriado de ano novo! Primeiro uma bactéria misteriosa matou algumas pessoas na capital aqui do Estado... Ninguém sabia o que era! Mas isso era o prenúncio: um ano que começa assim, com ameaça de bactéria assassina, não pode seguir bem! Dias depois: o alívio relativo... Não era bactéria! Era uma substância tóxica em uma cerveja! Triste foi ver tantos hospitalizados: alguns não resistiram, outros encontraram paralisias e problemas de saúde sérios, que perdurarão por toda a vida! Mas parecia parar por aí! Porém, vieram também as chuvas, os alagamentos, os desabamentos, os desabrigados, as mortes por soterramentos ou pelas enxurradas! Uma chuva que não parava! Mas parou enfim!

Depois de tudo isso... Veio a bomba: um vírus mortal esparrodava-se do outro lado do mundo! Ouvimos,

porém, a garantia de que iriam contê-lo! Hospitais imensos foram erguidos em questão de dias, extasiados invejamos a engenharia e a capacidade de mobilização de recursos de uma nação, tudo transmitido pelas nossas telas, 24 horas ao vivo, e lemos inúmeros comentários traduzidos pelo aplicativo de transmissão, pessoas orgulhosas da capacidade técnica de seu país. Se eram feitos por *bots* do governo para gerar otimismo em meio ao pandemônio que se formava, não saberemos. Do outro lado do mundo, relaxamos!

O ano começou, aos poucos engrenou, mas mais veloz e agressivo que podia se cogitar, tudo teve que parar... E, desta vez, como nunca jamais se sonhou que pararia! Em quase 100 anos, nada parecido havia ocorrido.

E fomos, quem podia, entrando para nossas casas, buscando alguma segurança, algum alento! Isolamos! Aplaudimos quem trabalhava..., mas as palmas para os motoboys, garis, enfermeiros e médicos duraram pouco! Os números da pandemia cresciam exponencialmente, e com ela, uma nova taxonomia de humanos: surgiram os testados, os monitorados, os confirmados, os investigados, os descartados, os liberados, os isolados, os distanciados, os contaminados e, infelizmente, os milhares de óbitos. Mas estes, os óbitos, as autoridades logo trataram de esconder sua falta de estratégia para lidar com o vírus atrás da, largamente empregada, desculpa da morte por comorbidade... o vírus aí sai do protagonismo e se encontra com uma condição prévia. Deixa assim de ser tão perigoso, já que tentaram criar a impressão, que os que morrem, já morreriam de qualquer forma, pela

doença prévia à infecção. Mortes pelo vírus deixaram de ser simples mortes. E, com isso, fomos embotando os óbitos! Silenciando e invisibilizamos as vítimas.

Não as velamos! Não as honramos! Apenas os confinamos nas estatísticas e nas valas públicas abertas por braços mecânicos!

E para diminuir o desolamento, fomos nos conectando ainda mais! Explodiram as “lives”, já que as “lifes” estavam ameaçadas. E perdemos a capacidade de acompanhá-las: tanto as “lives” quanto as “lifes” em baixa na lista do dia. Ouvimos muitas mentiras serem pronunciadas e fazerem milhões de adeptos.

Nem a Religião, nem a Ciência, a “verdade” agora só a das Redes e dos Grupos de WhatsApp. Essa sim é autêntica, essa sim nos tiraria da escuridão! Foram curas milagrosas, notícias de superestimativas de casos e óbitos, tudo para não termos que encarar a realidade à nossa frente. Mas, como enxergá-la, se estávamos ocupados demais com a desrealidade de nossas telas. Fizemos com nossas mentes o que temos feito com nossos posts diários... Arrumamos o cenário ideal para não nos importar tanto e amortecemos o peso da vida, enfeitando-a com o verniz da “autenticidade”.

Desculpou-se as falas despreparadas e insensíveis de alguns, como sendo expressão nua de sua autenticidade. Sabe-se lá o que isso queria dizer! Mesmo assim, proliferou-se uma verdadeira seita negacionista pelo “bem” maior, para salvar as pessoas de seus próprios medos, provocados, segundo estes, pelas “invenções” da mídia para assustar as pessoas

com imagens e depoimentos falsos, com soldados atuando junto com inteligência artificial, dispostos a rondarem o meio digital o tempo todo e a descobrirem os desertores ou subversivos não “autênticos”, que se acovardaram e insistiram na letalidade do vírus. E dispararam ofensivas virtuais, mesmo que à custa da vida daqueles que são expostos sem nenhum escrúpulo ou pesar.

E, apesar disso, eu me quarentenei! Estive pelo mundo a fora com o meu trabalho, virtualizado em bits e pixels. Mas, pouco saí de meu quarto esse tempo todo. São tantas telas, tantas horas, que acredito estar me embitificando e me pixelizando também, pois não consigo me lembrar nem das expressões reais das pessoas, nem de seus cheiros e nem de suas vozes não digitalizadas. Não consigo me lembrar também como é sentir a dor por completo, sem desculpas ou remédio para interromper o sentir! Sem confinar os mortos e os contaminados nas estatísticas!

E tudo isso fará falta em breve, pois estamos enterrando uma era, anterior às perdas da pandemia, uma era em que tínhamos a ilusão que vidas valiam um pouco mais, que mereciam mais que um “e daí”, que valeriam mais que as duas palavras secas das mensagens virtuais dizendo “sinto muito” ou as três imagens de corações partidos nos aplicativos de comunicação, quando da morte de alguém! E, por favor, não me digam do novo normal, pois ele me parece ainda mais insólito, tal qual essa amnésia que me envolveu e me faz nausear agora, por não me lembrar! Realidade comórbida!



Márcio Castilho
Volta Redonda – RJ

Márcio Castilho

O escritor Voltarredondense Márcio do Nascimento Castilho nasceu em Duque de Caxias no dia 04 de novembro de 1974. Cursa Licenciatura em Ciências Biológicas pela UFRJ. É funcionário público. É membro da Academia Mundial de Cultura e Literatura, da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas, da Academia Voltarredondense de Letras, Academia Independente de Letras, da Academia Brasileira Camaquiana e da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letra e Artes.

Em 2019 publicou seu primeiro livro de poesias durante a 5ª Feira do Livro de Resende, intitulado DE TODOS OS TEMPOS, o qual lhe proporcionou o prêmio Olho Vivo na categoria “melhor livro de 2019”, estando atualmente em sua terceira edição.

Ainda em 2019 participou do Concurso Vozes do Aço com o soneto Angústia de Narciso que lhe proporcionou o primeiro lugar.

Atualmente foi indicado ao prêmio Olho Vivo 2020 na categoria “melhor poeta” através de voto popular.

Redes Sociais:

www.facebook.com/marcio.castilho.319

www.facebook.com/marcio.castilho11

www.instagram.com/marcio7508

Calendário Invisível

Márcio Castilho

Fixado na parede da sala, o calendário se faz presente de maneira quase imperceptível e ao longo das horas, eu passo por ele sem nem sequer notar que dia é hoje. Vou para o trabalho, volto do trabalho e volta ou outra, passando pelo emudecido calendário, dou-me conta de que os dias da semana já estão se perdendo neste emaranhado de tempo e espaço. Quando penso ser domingo, já é segunda-feira. Talvez porque a segunda esteja plena de ruas vazias, comércios fechados e menor quantidade de automóveis a atravessarem os sinais vermelhos e a correrem desenfreadamente para que seus condutores não cheguem atrasados aos ofícios diários.

Num dia desses, me ligaram do trabalho para perguntar “Você não vem trabalhar? Hoje é seu dia de plantão!” E assim, fui-me, apressado e atabalhoadamente a cumprir o ritual de saída para a linha de frente: escolhi a roupa no armário, tomei banho, troquei-me, comi algo às pressas, verifiquei se a vasilha de ração do gato estava cheia, peguei as chaves, tranquei as portas. Porém, já na rua, como se a aparentar um político indiferente com a pandemia, lembrei-me de não ter colocado a máscara! Retornei às pressas em casa, peguei a chave, abri a porta, pus a máscara. Ao sair de casa, corri para o ponto

de ônibus e após longos momentos de espera, peguei o transporte coletivo. Ao entrar na condução, apliquei o álcool em gel nas mãos e ao descer, novamente as higienizei com o produto. Caminhei mais alguns quilômetros e, enfim, às 19:15, ainda que atrasado, cheguei ao trabalho.

No final do expediente, com o corpo já exausto da labuta noturna, lá fui eu pela manhã. Encontrei o jornaleiro que me saudou com o seu “Bom dia!” e cruzei na calçada com as poucas pessoas que ocultavam suas identidades através das máscaras de uso imprescindível no vestuário atual, mudando até mesmo o significado do que é ser diferente, afinal, diferente nos dias atuais, passou a ser sinônimo de quem não as usa.

De volta ao lar, cumpri o ritual de chegada: deixei os sapatos na porta de entrada, tirei as roupas e as desprezei no cesto presente na varanda, tomei um banho, coloquei o pijama e fui deitar. Neste instante, vieram a mim, em flashes de pensamentos, a lembrança de que hoje era dia do aniversário do irmão mais velho. Mas, que aniversário? Não há festas este ano, nem nada para ser comemorado. Portanto, no calendário de 2020, a idade de passagem não deveria pagar pedágio e o ciclo biológico deveria ter ficado estacionado no ano de 2019, já que o ano que o sucedeu, está sendo marcado pela nulidade do tempo, das estações, dos projetos que deveriam ter sido realizados e que foram postergados. Então, ao meu prezado irmão mais velho, desejei um “Feliz Desaniversário!”

Durante a minha folga, noutro dia fantasmagórico deste calendário pandêmico, estava eu a ouvir músicas no

Spotify quando começou a tocar a canção de Cazuza chamada “Perto do Fogo”, interpretada na voz da cantora Rita Lee. Fui apreciando a letra da canção quando de repente Rita citou “Ano 2000, ano 2020 e vai tá tudo igual”. O nosso grande gênio Cazuza jamais imaginaria que 2020 estaria lhe pregando uma peça fazendo com que as coisas ficassem sim, diferentes.

Enquanto isso, o calendário continua ali, pendurado na parede, sem sequer ser notado à espera de que no futuro possa ser validado nos livros de história e arquivos jornalísticos.

A Grande Onda

Márcio Castilho

Certo dia, acordamos e notamos que a solidão, outrora chamada de mal do século, é o único recurso plausível de ser denominado “vacina” ante uma desenfreada pandemia.

Instalou-se no mundo, o pandemônio, pessoas incrédulas com a nocividade da patologia indo às ruas, incivilidade crescente e virtudes adulteradas. Embora sabendo da fragilidade humana, muitos se aglomeram correndo atrás de prejuízos que julgam serem maiores que perder a saúde ou a vida. Fácil lembrar Charles Darwin num momento como este e fazer uma analogia entre a crise sanitária e a seleção natural quando é possível ver que alguns indivíduos possuem organismo resistente a essa virulência enquanto outros são confinados em leitos hospitalares, tubos e oxigênio artificial, indo por vezes a óbito. Uma parcela da sociedade ainda resiste e mantém etiqueta social anterior à pandemia, quer abraçar, quer apertar as mãos, quer beijar, desacreditados de que todos estes gestos podem não mais serem reproduzidos caso contraiam o vírus e tenham de estar definitivamente isolados de tudo, podendo perecer sem ao menos ter um último adeus ou contato familiar.

Bem, sendo profissional da saúde e convivendo diariamente com o inimigo invisível, aponto que o

procedimento de preparo de um cadáver cujo atestado de óbito sinaliza a causa como COVID-19 pode ser denominado deprimente. O indivíduo é colocado em dois sacos para corpos onde se borrafa uma grande quantidade de hipoclorito de sódio, depois de lacrados, não podem mais serem abertos e é numa atmosfera de profundo impacto que o falecido é identificado como “COVID 19, agente biológico classe de risco 3”. O momento até o enterro é abreviado em míseras horas e com um número mínimo de familiares presentes.

Chegaram dias de aprendizado para o ser humano e o momento exige reflexão e ação sábia, prudência e amor ao próximo. O momento é de espera pela solução do amanhã. E o amanhã? O amanhã é um garrancho de x que introduz a questão. É a ciência humana resgatando nossas rotas alteradas e extirpando, num determinado momento, o cerne da crise que insiste em bater em nossas portas querendo em nossas casas se hospedar. Enquanto isso, ainda que o ser humano seja uma raça totalmente social, saibamos aguardar por dias melhores e em solidão.



Maria Beatriz Del Peloso Ramos
Niterói – RJ

Maria Beatriz Del Peloso Ramos

Nasceu no Rio de Janeiro. Professora de Literatura Brasileira com Pós-Graduação feita na UFRJ e Mestrado na UFF. Contista com contos e poemas premiados em Concursos Nacionais e publicados em Antologias, suportes digitais e livros. Palestrante e autora de Prefácios. Membro da Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas, com oito livros de Aldravianas. Membro Correspondente da Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil, sediada na cidade de Mariana, MG. Membro Correspondente da Academia Internacional de Heráldica - Portugal. Membro da Academia Internacional dos Quintanistas.

Três vezes contemplada com o Prêmio Off Flip de Literatura, na categoria Conto, (2015, 2018, 2019), Paraty, Rio de Janeiro. Em 2019, "Os Simples Contados", livro solo publicado de Contos premiados. Em 2020, "Os Antigos Contados", livro solo de Contos premiados, (no prelo). Em 2020, "Bem Poético" livro solo de poemas contemplado com o 1º lugar no IV Festival de Poesia de Lisboa, pela Helvetia Éditions, 2020.

A Literatura permite qualquer viagem

Maria Beatriz Del Peloso

Não há quem não tenha sido atingido, direta ou indiretamente, pela pandemia do coronavírus. Meu neto, de quinze anos, teve a doença, um primo perdeu a jovem vida e, todos nós, sofremos conseqüências do isolamento social e afetivo, desde março de 2020, quando o medo do perigo se instalou no mundo.

Mas, apesar do grave momento em que vivemos, escrevo, e como toda escrita serve de matriz de fuga, favorecendo salutar força para se extraviar, tomo, agora, um trem envolto em fumaça arroxeadada e, de repente, pastos começam a aparecer, porteiras se abrem e currais se enchem de bois. A estação de destino final surge, no sopro do longo apito e da volumosa resfolegada de vapor, sob sol ameno de inverno, azulando pios altos, nos vãos da juriti do peito branco, do manuelzinho-da-croa e sabiás. Desço em frente à casa que me recebe de porta aberta, entro pela venda sortida de prateleiras e balcão de madeira, e vou para o quintal cheirando à rosa para escutar histórias. Estou no sertão, cheguei ao coração do contar, no cordis de Rosa, estou em Cordisburgo.

E quem encontro? Vozes! Muitas, todas pedindo vez e escuta. A primeira voz me diz que "o sertão é uma espera enorme" e que eu me acomode embaixo de uma sombra, porque muita gente vem vindo, ainda, mas é uma gente que chega devagar. Batem léguas, vêm de longe, da Guararavacã do Guaicuí, de Itacambira, do Curralinho, do Curvelo, do Chico, até os catrumanos do Sucruiú; só não vem o povo do Liso do Sussuarão. A segunda voz me diz que "este mundo é muito misturado" e é por isso que existe o bem nascendo do mal e o mal nascendo do bem, um dentro do outro, geminados iguais, sem distinção, nem explicação. E avisto, na soleira da porta, os meninos do Aleixo, o Pedro Pindó e seu filho Valtêi, o Rudugério de Freitas com seus dois filhos, homens feitos, e a Maria Mutema, redimida por sua reza forte, coberta de veste preta e xale na cabeça, figurando imagem de santa.

Já a terceira voz, me diz que, na vida, "tudo é e não é" e, é nesse movimento, que a vida se dá. Vejo, então Diadorim chegando com a faca pontuda reluzente, o pito na boca e uma flor cor-dis-rosa no chapéu, descascando cana verde, iguala seu olhar de nascentes claras e margens enveredadas em pouca alegria e duras tristezas. Seu cavalo branco, companheiro de todos os cansaços, "que ama o dono, e até respira do mesmo jeito", confirma que a "vida é ingrata no macio de si, mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero". Diadorim balança a cabeça, sorri para o amigo de galope firme, de sela segura, e se cala frente ao horizonte.

Escuto bem distintas todas as vozes trazidas no tropel dos cavaleiros: louvores à Nossa Senhora da Abadia, cantoria de viola dos jagunços, berrantes dos chefes valentes, a cangalhadas dos carros de boi e o vozerio silencioso do sertão.

E, no silêncio, encontro o velho Riobaldo, sentado baldo, no barranco do rio. Lá ele olha as águas que passam, e de lá não sai porque pensa, ainda, em tudo que lhe aconteceu, durante sua travessia. E diz: -"ah, eu estou vivido, repassado" e logo me pergunta: - "viver está cada dia mais perigoso?"

Antes de responder, sinto a presença de um vento se armando no fundo do mato, crescendo em rodopio forte, arrastando folhas, gravetos, pensamentos enrolados na poeira vermelha do grosso redemoinho que passa por nós girando. E, dentro do redemoinho, Riobaldo avista o demo, que é a face do medo, de trás para frente, invertida nas letras. Sim, confirmo que muita coisa nesta vida dá medo, quando os caminhos estão escuros, e Riobaldo me fala que o viver é assim, que "tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem de Deus. Ele nos dá as pessoas e as coisas para saber se somos felizes; depois, tira as coisas e as pessoas para saber se somos capazes da alegria, sozinho; coração da gente? O escuro, escuros".

Respiro fortemente, olho para os ermos cobertos pelo cerrado, várzeas e veredas minadas de água, com buritis espalmados, já me acenando um adeus. É hora de voltar para casa, para o real do medo. Deixo para trás

as pedras grandes espreiadas nas areias dos rios, estradinhas de terra, vaqueiros de boiada, seres pulsando sob a abóbada de um céu emoldurado pelo lusco-fusco da noitinha verdejante de vaga-lumes e brilho de estrelas.

Já no trem, com a bagagem tomada pela saudade, antes de me despedir do grande sertão, escuto a última voz, vinda das lonjuras, chegada há pouco, para me abrigar com suas palavras de boa instrução. É o "Compadre meu Quelemém de Góis", morador da "Jijujã, na Vereda do Buriti Pardo", chegando. Homem prezado por todos, pessoa de rara calma e sabedor sossegado dos mistérios, daqui e do além. Ele estende a mão em cumprimento, e me deseja boa travessia na viagem. Sob seu olhar fixamente voltado para as alturas, eu o escuto:- não sinta saudade, não, porque "toda saudade é uma espécie de velhice", e "carece de se conservar coragem pelo irremediável extenso da vida".

O trem parte, olho o céu rebrilhado de estrelas, e a voz do Compadre ressoa como sino longínquo, ecoando um saber antigo, amistoso e devotado. Um saber vindo das palavras abastadas, ditas nessa jornada literária, que me envolveram como um abraço e me fizeram esquecer, por breves instantes, a grave pandemia que nos assola. A Literatura permite qualquer viagem.



Maria Cláudia Bachion Ceribeli
Piúma – ES

Maria Cláudia Bachion Ceribeli

Mestre em Letras na área de concentração dos Estudos Literários, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2019). Especialista em Ciências da Educação pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) e pela Università Ca Foscari Venezia. Possui MBA em Comunicação e Marketing Empresarial pela Universidade de Rio Verde (FESURV) e Licenciatura Plena em Educação Artística pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Docente desde 1984, tendo atuado até 2004 na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e, a partir de 2005, na Secretaria da Educação do Estado de Goiás, onde permaneceu até 2010. Entre 2011 e 2015, atuou como professora de Arte no Estado do Espírito Santo. Atualmente, é professora efetiva de Arte, no Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), e coordenadora do Núcleo de Arte e Cultura (NAC) do Campus Piúma. E-mail: claudiabachion@gmail.com
Facebook: <https://www.facebook.com/claudiaceribeli>

MÁSCARAS E MASCARADOS

Maria Cláudia Bachion Ceribeli

Lembro-me de aprender que, quando surgiu na Grécia, durante as apresentações teatrais, ela servia para diferenciar o personagem do homem que o representava. Seria essa a razão para a referência àqueles que, usando ou não uma máscara, fingem ser o que não são?

Assim que a COVID 19 surgiu na China, a máscara, cuja utilização naqueles espaços não é de todo estranha, passou a ser um acessório presente em muitas faces no mundo. Eu reparei que, de neutras e discretas, elas passaram a refletir os gostos dos usuários: coloridas, estampadas, disfarçadas, ostentadas, correta ou incorretamente utilizadas, destinadas, debatidas, encostadas - máscaras. Use máscara! Uso obrigatório de máscaras! A máscara protege! Será?

Ele chegou e colocou o mundo em pânico! De uma hora para outra, o inimigo com espinhos, invisível, imprevisível, promoveu uma confusão tamanha como nenhuma outra geração viva conheceu! Ocultou rostos, sorrisos, mas não impediu que a máscara fizesse sucesso, passando a ser um acessório presente no vestuário de cada dia.

Eu gosto mais das coloridas, estampadas, porque, ao menos elas enfeitam a imagem desbotada que, algumas

vezes, parece se destacar no espelho. Gosto também de ver cor, criatividade, imagens nos rostos que observo, na caminhada, na TV, porque é divertido observar como parecem vivas, movidas por bocas e respirações ansiosas e teimosas por vencer o obstáculo que antes não estava ali.

Algumas cobrem bocas e narizes, outras cobrem queixos apenas, outras ficam penduradas nas orelhas, coitadas, que sofrem com elásticos frouxos ou muito apertados e outras não saem das bolsas ou das mãos, acabando seus dias jogadas nas ruas, rios, mato, lixo. Elas vieram para proteger e veja o destino que é dado a elas...

Será o vírus o pior inimigo? Ou seriam os mascarados que deveriam resolver a situação que ele provocou? Que tipo de máscara mascarados usam? Assisto aos noticiários e me atualizo: mortes, contaminados, curados, regiões com alto risco, risco moderado, baixo risco, desvios de dinheiro, corrupção na aquisição dos respiradores, na construção de hospitais de campanha, leitos inativados por falta de insumos e pessoal da saúde. Esses, tendo ou não máscaras, não tiveram escolha...

Máscara não protege dos mascarados, cujos atos nem sempre são revelados, nem sempre noticiados... Eles andam por aí, representando, disfarçando, agindo sorrateiramente, espreitando, enquanto não derem de

cara com o vírus, mas, deste, se protegem com a máscara.



Maria Goretti de Freitas Oliveira
Ipatinga – MG

Maria Goretti de Freitas Oliveira

Licenciada em Pedagogia pelo Unileste-MG – Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Tem publicações em jornais, prefácios e editoriais e participação em 19 antologias. Ex- Presidente do *CLESI – Clube dos Escritores de Ipatinga*, é **Membro Efetivo** da *ALACIB – Academia de Letras, Artes e Ciências Brasil – Mariana-MG*, é *Diretora Cultural do InBrasCI-MG – Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais*, Membro Efetivo da *SBPA – Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas*, Membro Fundador da *ABRAAI*, Coordenadora Geral da *Abraai-Ipatinga* e Membro Efetivo da *Harmonia Universal - Lisboa*. **Membro Honorário** do *Instituto de Estudos Histórico-militares – Lisboa*, da *Tertúlia Rafael Bordalo Pinheiro – Lisboa*, da *Academia Internacional de Heráldica – Portugal*, *Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture*, *Académie Du Mérite et Dévouement Français*. **Membro Correspondente** da *Academia de Letras e Artes, Lisboa*, da *Academia Portuguesa Ex-Libres* e da *ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias*. **Livros publicados:** *Contos Interioranos*, *Num Instante um Haikai*, *Filipe e seus barquinhos*, *Ventos*, *Na Passarela Bicharada feliz-aldravias infantis* e *Di Júnior – O gato que andou na linha e o Filho único de Eugênia Penacor*.

Algumas considerações sobre a pandemia

Goretti de Freitas

Nossa história vinha sendo construída numa velocidade assustadora. Pelo que vivíamos, parecia que estávamos desejosos de chegar a algum lugar a qualquer custo. Num instante, um baque! Fomos todos obrigados a pisar no freio, mesmo antes de apertar o cinto. Ninguém estava preparado para a reviravolta que o mundo deu. Ela chegou de surpresa. Quando abri os olhos, ela já estava estampada em todas as páginas. Comecei a ler tudo tentando entender o que se passava em terras distantes e que rapidamente se aproximou de nós. Era o início de uma pandemia que chegou e mudou o rumo de tudo.

Fomos convocados a fazer uma travessia num mar turbulento, numa embarcação precária sem a menor segurança. Fomos todos sequestrados e postos em cativeiros e a solidão desse isolamento tem deixado muitos com os nervos à flor da pele e com as emoções em desordem. Em meio a tudo isso, a vida de uma multidão foi levada sem permissão, sem aviso prévio, sem uma organização maior, sem que os familiares pudessem, ao menos, contemplar a face dos entes queridos pela última vez.

Tudo por causa do coronavírus, o causador da Covid-19, doença infecciosa grave. Um inimigo invisível, mas com um vigor gigantesco, que se alastrou pelo mundo inteiro de forma simultânea com uma força pandêmica avassaladora. Causou danos irreparáveis. Tantas perdas! Tantas vidas foram ceifadas! Perdemos nossa capacidade de ir e vir, de gerir e tomar decisões sobre nossos planos e objetivos que antes pareciam bem traçados e definidos.

Essa pandemia chegou apertando o botão da vida e nós, sobreviventes, seguimos assistindo as dores do mundo.

Trata-se de uma espécie de divisor de águas. Vamos reorganizar nossas vidas para o enfrentamento dos anos que estão por vir levando em consideração os nossos comportamentos e atitudes observados antes e durante a pandemia.

Muitos afirmam que, quando tudo passar, nós seremos pessoas melhores, repensaremos nossas ações e que não repetiremos os mesmos erros. Outros já dizem que tudo veio para nos mostrar que somos muito pequenos diante das adversidades. Tudo é muito incerto! O que se sabe é que tudo chegou rapidamente, sem acordo, sem negociação e todos perceberam que a desobediência às normas preestabelecidas poderia levar ao caos. E assim foi. Muitos que optaram por seguir suas próprias normas ainda estão pagando um preço bastante elevado.

A pandemia não chegou ao fim. Não estamos imunes, mas já estamos fazendo algumas adequações ao nosso novo modo de vida e buscando meios que possam preencher nossos espaços vazios. Vamos, aos poucos, criando alternativas para que os dias deste ano de 2020 não sejam completamente anulados pelo sofrimento e angústias. Nessas construções, experimentaremos sucessos e fracassos, mas é preciso acreditar que dias melhores virão, pois sempre haverá a arte da reinvenção diante do caos. Sempre! Os sonhos e desejos vão além de todas as dificuldades e um novo pensar ressurgirá das cinzas e escombros.

Após infinitas lágrimas, o mundo vai despir-se desse tempo que tem nos deixado tão vulneráveis! Pelas futuras gerações, pesa sobre nossos ombros a tarefa de sermos criativos, mudando o ritmo das canções dos dias vindouros para que a vida seja mais leve para todos.



Regina Coeli Nunes
Rio de Janeiro – RJ

Regina Coeli Nunes

Nascida no Rio de Janeiro – Capital

Funcionária Pública Federal Aposentada

Participa do Livro das Aldravias desde 2013

Membro Efetivo da Sociedade Brasileira dos Poetas
Aldravianistas

Membro do Grupo das Quintas. Participante do Primeiro
Livro das Quintas em comemoração ao 20º Ano do
Movimento de Arte Aldravianista – Mariana / MG.

IMPRESSÕES LITERÁRIAS SOBRE A PANDEMIA

Regina Coeli Nunes

Desde que a guerra foi declarada pelo invisível coronavírus, escuto a palavra pandemia e vem logo atrás a palavra pandemônio. Criaram um grupo de risco e me inseriram nele. Sexagenária em quarentena, saí de cena. A clausura em casa faz ver tudo contaminado no campo minado. Confinamento rígido promete saúde mental? Vejo na televisão a impotência nacional. Auxílios emergenciais desviados, alguns com empregos beneficiados. Notícias duvidosas de óbitos de covid. Trabalhadores da saúde sem receber salário enquanto o erário é assaltado. Aglomerações merecendo toques de recolher, mas às vezes uma luz no túnel traz a fé para as ruas nas filas da solidariedade com distribuição de cestas básicas. Já na internet, fake da rainha Elizabeth II de máscara, da mesma cor vibrante da roupa e do chapéu. Influenciadores digitais orquestram momentos matadores. Criações bombam nas redes sociais. Buscar ideias para pôr a mão na massa, coqueluche do mundo virtual, mas já preocupa os profissionais do ramo, risos. Live para cá e live para lá de artistas se reinventando no novo normal. No mundo fora do eixo as greves pelas vidas. Flexibilizações metem os pés pelas mãos. Banho de mar permitido sem tomar banho de sol na areia. No cabeleireiro pintar os cabelos, mas depilar as sobrancelhas, jamais. Passei aqui para dizer que opto

pelo facultativo. Vou à rua senão paro na cama. Batalha do “tudo ou nada”, uma vez por semana. Saio confusa de máscara, sem saber se sou mocinha ou bandida. Confesso preferir a máscara branca, a arma defensiva do meu brasão é a paz. Caminho com o álcool em gel no papel de lança e aflita o lanço qual um lança-chamas. Volto da rua e sem pestanejar me dispo do vírus. Estressada caio morta no sofá, que já virou sofá-cama. Acordo e festejo comigo mesma, com um tim-tim de café, o fato de ter dado uma volta no corona. Ei, seu invisível aguenta as pontas! Ainda não realizei todos os meus sonhos. Ainda quero entrar na fila da vacinação do covid. Hoje, meu maior sonho! Por enquanto fico esperando sair a máscara hidrofóbica.



René Dentz
Nova Lima – MG

René Dentz, Ph.D

Suíço-Brasileiro.

- Psicanalista, Filósofo e Teólogo
- Professor universitário
- Pós-Doutor pela Universidade de Fribourg, na Suíça, pela Universidade Católica Portuguesa, Universidade de Varsóvia e PUC-Rio
- Autor de 4 livros: "Visões da Democracia no Século XXI", "Existe liberdade no perdão?", "Bem-vindos ao século XXI" e "Reflexões Contemporâneas: o século XXI e suas complexidades"
- Colunista do jornal Panfletu's
- Membro efetivo da ALACIB
- Membro da Academia Novalimense de Letras

Memórias, futuro e a quarentena

René Dentz

Nossa memória é marcada por momentos diversos vivenciados ao longo de anos. Alguns desses eventos são lembrados, outros não. O leitor mesmo pode agora facilmente acessar memórias boas e ruins, momentos que geram saudade e outros que geram tristeza. É o caminho da nossa existência.

De fato, o momento em que estamos vivendo pode ser lembrado a partir de ângulos diferentes, evidentemente no esquecendo do enorme sofrimento que muitas famílias estão vivendo, com perdas e luto. O distanciamento tem no seu maior desafio a falta de contato com pessoas, seus olhares reais, suas boas afetações. Somos muito mais afetados por fatores externos bons do que ruins. Como tenho dito, a forma de viver o isolamento social depende muito de diversos fatores da vida de cada um, sobretudo relacionados às condições psíquicas prévias.

No entanto, há um ponto que gostaria de destacar. Muitas famílias estão tendo a oportunidade de viver experiências nunca experimentadas de uma forma tão intensa. Uma delas é de acompanhar de tão perto a educação formal dos filhos, seu ambiente escolar. Dessa forma, alguns pais têm a chance única de viver momentos de aprendizagem, frustrações, conquistas e desafios de forma tão próxima. Não tenho dúvida de que esses momentos serão lembrados pelos filhos como momentos de proximidade, dificilmente serão momentos

esquecidos, com significado menor. E isso não é pouco! Ter boas memórias pode nos salvar, constituir parte de nossa felicidade (assim como as memórias traumáticas são impeditivos). Além disso, é da nossa memória que encontramos fontes de inspiração, criação e inovação.

Boa parte dos elementos mais fundamentais à constituição da personalidade pode ser intensificada agora. Por exemplo, agora é um bom momento para a maior compreensão do universo dos filhos, de suas brincadeiras, seus jogos, seus gestos e até mesmo suas emoções. Se a quarentena representa para muitos desaceleração, poderíamos qualificar ou resgatar alguns aspectos ou dimensões fundamentais da nossa vida e daqueles que estão mais próximos. As nossas relações familiares podem ser mais refletidas, elaboradas e qualificadas!

Uma pesquisa recente mostrou que as empresas no Brasil pretendem manter 30 por cento de seus funcionários em modelo remoto. De fato, muitas atividades podem continuar sendo exercidas dessa forma. Isso pode inclusive significar mais tempo, menos trânsito, maior possibilidade de conexões entre todos, por mais paradoxal que possa parecer. O fato é que precisaremos, de igual modo, ressignificar nossos espaços, nosso lazer, nosso trabalho. Nossa casa, mais do que nunca, torna-se um lugar importante para nossa vida, não apenas um local de descanso.

Em relação à educação também haverá grande impacto. As escolas necessitarão, a partir de agora, encontrar caminhos de integração entre o real e o virtual. Esse último não poderá ser mais visto como mero

complemento de aprendizagem, mas como elemento central nesse processo. As conexões poderão ser expandidas e o aprendizado poderá alcançar níveis mais complexos em um mundo cada vez mais complexo. O desafio será formar os profissionais da educação a partir de dois pilares de forma aprofundada: tecnologia e conhecimento crítico. Mas isso é assunto para próximas colunas...



Roseana Murray
Saquarema – RJ

Roseana Murray

Autora de livros de poesia e contos para crianças, jovens e adultos. Graduada em Língua e Literatura francesa pela Universidade de Nancy através da Aliança Francesa.

Recebeu ao longo de sua carreira os Prêmios:

A.P.C.A, O Melhor de Poesia da F.N.L.I.J ((por quatro vezes) , Prêmio A.B.L para livro infantil.

Recebeu por diversas vezes a láurea “Altamente Recomendável da F.N.L.I.J

Faz parte da Lista de Honra do Organismo Internacional I.B.B.Y que abriga os melhores autores de literatura infanto-juvenil do mundo.

Trabalha com o Projeto de Leitura Café, Pão e Texto, recebendo Escolas Públicas em sua casa para um café da manhã literário.

Faz palestras sobre a Formação do Leitor.

Tem cerca de cem livros publicados.

Roseana Murray

Algumas coisas tão simples me emocionam tanto que poderia chorar um rio por dia.

Estar viva. Constatar esse milagre quando acordo.

O cheiro do café que inunda a casa na primeira luz. O gosto do pão que me traz o perfume da terra dos trigais distantes.

As roupas coloridas que esvoaçam no vento feito borboletas gigantes e que vestirão meu corpo vivo, forrarão a cama e a mesa, me emocionam.

Pouco a pouco, um por um, os filhos distantes escrevem bom dia estamos todos bem aqui. Suspiro de alívio.

Faço a lista do que falta e peço no mercado.

O rapaz de máscara que faz a entrega também me emociona. Ele se expõe para lá e para cá, não pode, como posso, ficar trancado.

Não sei o dia da semana. Todos os dias se parecem e seus nomes são supérfluos.

Também esqueço o número do dia, se 13 ou 27.

Minhas mãos estão ausentes de outras mãos e outras mãos das minhas.

Onde derramo meu desejo de abraços, de sentir o cheiro de todas as pessoas que amo?

Antes gostava de ir a uma padaria, de sentar num café, numa praça, para ver as pessoas, ouvir o retalho das conversas, o arrulhar dos pombos.

Leio muito. Cozinho. Dei para escrever longas cartas. Mergulho para dentro e o mar é vasto. Muitos barcos naufragados, outros a espera.

Mas sobretudo, construo lentamente uma jangada azul: quando tudo isso passar, ela emergirá das minhas paredes e reencontrarei todas as pessoas que amo e inventaremos tudo de novo, de outro jeito. Um dia os verbos deste tempo serão conjugados no passado. Mas hoje me emociono e me conjugo neste presente duro, presente cheio de ausências.



Sylvia Mercadante
Rio de Janeiro – RJ

Sylvia Mercadante

Professora, artista plástica e poetisa carioca, publicou alguns livros de sua autoria e também participou de Antologias. Nos EUA destacou-se com o poema *You Are God!*, ganhando prêmio de edição. Foi colunista no jornal *Merca 'Dantes & Depois* por dez anos. Criou e aplicou o Projeto **Semeando Poesia** em Bibliotecas do Rio de Janeiro. É Artilheira da Cultura do Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana e participa do Círculo Literário do Clube Naval. Membro do grupo O Zen do Haicai.

Blog Folha Viva: www.sylviamercadante.blogspot.com

No Facebook, aberto ao público, faz transmissões ao vivo, no Projeto Poesia na Varanda, atualmente com poemas seus, de autores consagrados e do livro *Parnaso de Além-Túmulo* (obra de Chico Xavier).

Impressões Literárias sobre a Pandemia

Sylvia Mercadante

Décadas de vida e nunca presenciei um momento tão aterrador como o que estamos passando. Algo vindo estranhamente de outro território_ o mundo oriental.

Atualiza-se, a cada dia, o número de mortos e, talvez isto contribua, num curto e médio prazos, para banalizar a relevância da vida que se extingue rapidamente, nesse triste cenário. Tudo em virtude de um vírus, de um organismo acelular.

Perdem, agora, o seu ilusório valor os bens materiais acumulados; são tantas as decepções que se avivam ante o desenrolar desse drama que assola a humanidade!

“_ Há que se ter paciência”, dizem os instrutores da boa conduta. Outros mencionam a fé como algo indispensável à continuidade desta vida, como se os que passaram diretamente pela borrasca não a tivessem.

A verdade é que tentamos mostrar algum conhecimento para nos mantermos de pé. Para sobrevivermos. Para que o desespero e o pavor não se instalem em nós.

De nada adiantarão as virtudes se não tivermos boa imunidade dentre outras condições. Mas... pergunto: já paramos para pensar naqueles que mal têm o que comer? Ou vestir? Ou água para se higienizar?

Alguns comparam esta situação atual a certas epidemias do passado, como gripe suína, gripe espanhola, cólera, sem falar nas variadas pestes, num passado mais longínquo, tal qual a peste negra...

Num período em que ainda não havia vacina, nem antibiótico, a tuberculose _ causada por bactéria, ceifou muitas vidas no século XIX e parte do século XX! Castro Alves, Cruz e Souza, Casimiro de Abreu, Manuel Bandeira, Álvares de Azevedo foram alguns dos poetas mortos por este mal.

De modo que as grandes epidemias sempre existiram e continuarão a existir, e esta possibilidade foi agravada pela facilidade que temos em viajar, tornando a transmissão rápida! É avião pra cá, é avião pra lá, em viagens quase e até muitas vezes rotineiras. Agora, temos que enfrentar uma pandemia!...

Confesso, causa-me certo estranhamento escrever sobre este assunto, porque aprecio discorrer sobre o que é belo e bom. A Verdade, o Bem e a Beleza são os pilares nos quais tento me apoiar para não me perder neste velho mundo de ilusões. Sendo assim, procuro descobrir quais os assuntos que, a partir desta tragédia, nos possibilitam uma certa melhoria interior.

Correm pelas redes sociais dicas de livros e de filmes para nos distrairmos, de cursos gratuitos, de músicas e até receitas novas! Um mundo de possibilidades está se abrindo para uma diferente maneira de viver. Trabalhar em casa é um desses exemplos. Estamos nos descobrindo mais criativos e dedicados ao lar!...

Certa vez, numa estação de rádio, ouvi uma entrevista com um psicólogo; nela, ele afirmava a utilidade do idoso buscar se espiritualizar, além da prática da dança e de outras atividades prazerosas. Achei uma atitude corajosa a daquele médico! Nada de tampar o sol com a peneira, a dificuldade extrema com a ilusão tola, na derradeira etapa da existência.

Talvez, nesses tempos de máscaras e de escudos, de distanciamento social, nos atentarmos para as coisas do espírito, para o que promova a libertação das tolices que carregamos na sacola do orgulho e da vaidade nos ajude, de verdade.

Quem sabe nos libertamos de vez com as coisas que deformam os nossos sentires? Quem sabe nos aperfeiçoamos? Quem sabe nos tornamos mais suaves, mais instruídos e menos arrogantes? Quem sabe despertamos para o amor?



Tauã Lima Verdan Rangel
Mimoso – ES

Tauã Lima Verdan Rangel

Mestre e Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFF. Autor dos livros: "Fome: Segurança Alimentar & Nutricional em pauta" (2018) (acadêmico); "Segurança Alimentar & Nutricional na região sudeste" (2019) (acadêmico); "Versos, Inversos & Outros Escritos" (2019) (poemas); "Indrisos em Versos" (2019) (poemas); "Efemeridade em Versos" (2019) (poemas); "Aldravias e Versos" (2020) (aldravias). Tem muitos projetos em andamento com editoras diversas, além de um apaixonado assumido por contos e Antologias.

AMANHECER ALARANJADO

Tauã Lima Verdan Rangel

Acordei no meio da madrugada. Uma sensação intensa de ansiedade percorria o meu corpo. Os meus pensamentos, para variar, estavam bagunçados e pareciam se perder em meio a um caleidoscópio de emoções que beiravam a mais completa irracionalidade. Os últimos dias estavam difíceis; na verdade, os desafios eram tão grandes que cheguei a pensar que a palavra “difícil” era um eufemismo tímido para algo que ultrapassava as fronteiras do impossível. A pandemia se agravava intensamente e, com ela, a minha saúde mental se deteriorava diante de tantas incertezas e receios.

Relutei com a possibilidade de enfrentar os meus pensamentos confusos e indomáveis. Tentei retomar o sono, mas, naquela altura do contexto em que me encontrava, já não era viável. Simplesmente, não havia mais qualquer resquício de sono e apenas a mente tentando, a todo custo, colocar em ordem os pensamentos. Estranhamente, a sensação de colocar

os pensamentos em ordem era capaz de me trazer um pouco de calma e de alívio. Olhei para o relógio, pousado sobre o móvel lateral à cama, e já passava das quatro horas da manhã de mais um típico dia abrasador de verão.

Pelos meus cálculos, entre tentativas diversas, estava acordado há pouco mais de uma hora. Como de costume, deixei a ausência de sono me vencer e caminhei até a varanda do quarto. A rua ainda estava deserta, exceto pela presença de alguns cachorros em sua marcha contínua. Senti a brisa da madrugada a soprar sobre o rosto e movimentar, de maneira singela, os cabelos que ondulavam. Muitas dúvidas se manifestavam e as decisões gritavam para que fossem tomadas. Ainda assim, uma sensação de temor teimava em permanecer vívida e manifesta em mim.

Os primeiros raios da manhã começavam a tomar forma no horizonte e a visão era estarrecedora. As nuvens tingidas em tons vermelhos, dourados, róseos e amarelos formavam a moldura para um amanhecer alaranjado que despontava com intensidade. Parecia-me que era mais uma ímpar oportunidade que se revelava diante dos meus olhos.

UM GATO VIRA-LATAS

Tauã Lima Verdan Rangel

O dia começou extremamente quente. Penso que não teremos a estação da primavera com suas temperaturas amenas, mas sim um verão prolongado com o seu calor abrasador. Poucas nuvens no céu e uma sensação abafada manifesta desde as primeiras horas da manhã. Sento em um dos bancos da varanda e tento aproveitar a escassa a oportunidade de ficar sozinho, em um diálogo franco com meus pensamentos. Acredito que é um bom hábito a cultivar: ter a coragem de encarar o turbilhão de pensamentos negligenciados e coloca-los em seus devidos lugares.

Parado ali, vejo algumas pessoas cruzarem de um lado para o outro com um apetrecho que se tornou item obrigatório em meio a esta quarenta, uma máscara. As pessoas, aos poucos, retomam uma nova normalidade, com um conjunto de medos e receios que são peculiares do contexto. Uma brisa refrescante, porém, passageira, sopra singelamente e movimenta as folhas das samambaias choronas que enfeitam a varanda.

Poucos minutos se passam e ouço o ronronar tão conhecido. Meu gato de estimação, com os seus passos

discretos, aproxima-se cautelosamente e de um jeito tipicamente desconfiado. Roça em minha perna de um lado e do outro e, depois de alguns segundos, deita-se próximo a mim. Abandono os meus planos iniciais de refletir sobre os meus pensamentos e me pego fitando o animal com toda atenção possível. Indago-me como a vida é cheia de surpresas, os animais, ditos irracionais, são capazes de nutrir um sentimento de carinho e de afeto, que, não raras as vezes, nós apenas idealizamos e projetamos.

Sr. Bigodes não possui nada de diferente, em uma primeira visão. Na verdade, como gosto de dizer, com seu tamanho mediano, é o melhor exemplo de um gato tipicamente vira-latas, com o pelo curto e os olhos amarelados. O tempo para não existir para o meu amigo felino que, com uma paciência inabalável e, ao mesmo tempo, uma facilidade em aproveitar as oportunidades, permanece em profundo silêncio e, entre um cochilo e outro, acorda se espreguiça e retorna à posição inicial. Bem, é apenas um gato vira-latas que torna os dias mais suportáveis com sua presença despretensiosa.

CONTEMPLAÇÃO

Tauã Lima Verdan Rangel

A jabuticabeira do quintal, finalmente, floriu. Estava, pela manhã, sentado à sua sombra e fiquei olhando, com afinco, a singeleza de suas flores. Os galhos finos e retorcidos estavam, simplesmente, recobertos da floração e as folhas viçosas tinham uma imponência sutil, mas, ainda assim, arrebatadora. Uma contemplação sem fim fez morada em meu coração e fiquei, diante daquele cenário, relembando uma série de lembranças que, mesmo um pouco amareladas, estavam guardadas no meu baú de memórias.

Especialmente, lembrei-me quando ganhamos a pequena muda de jabuticabeira, de um saudoso e querido vizinho, e como mamãe ficou feliz, escolhendo o local em que plantaria. Parecia-me que ela estava preocupada em escolher o local ideal para que a árvore pudesse ter a oportunidade de crescer forte e frutificar abundantemente. No final, depois de quase uma hora por vagar pelo jardim, ela escolheu assentar a pequena muda no canteiro central da casa.

Acredito que ela, de fato, escolheu o melhor lugar possível, pois a diminuta planta, hoje, está grande e

cresceu rapidamente. Desde que plantamos, muitas coisas aconteceram. A minha família teve perdas de entes tão queridos e valiosos, mas também teve surpresas gratas com as crianças que passaram a correr pelo quintal e comer dos frutos da jabuticabeira.

A vida tem um ciclo e, em suas inúmeras voltas, vemos que há uma constante renovação. Simplesmente, há uma força pulsante que nos impulsiona a continuar na caminhada em um processo sem fim de crescimento e de evolução. Tal como a jabuticabeira se renova de maneira teimosa, nós, também, vamos seguindo na busca de uma renovação e de um motivo para não desistir, mas sim permanecermos em uma eterna contemplação das oportunidades.

De repente, em meio a um momento de pensamento perdidos e lembranças saudosas, pausa um casal de pequenos pássaros no galho da jabuticabeira e reparo que há, mesmo em meio àquelas folhas, um pequeno ninho. Repito a mim mesmo, quase em um tom de confissão, “a vida, por mais uma vez, se renova”. É engraçado como podemos encontrar as mais belas manifestações de vida nos mais singelos locais.



Vilma Cunha Duarte
Araxá – MG

Vilma Cunha Duarte

Escritora, contista, cronista, repentista poetisa. Formada em Letras: Língua e Literatura: Inglesa Portuguesa e Brasileira.

Livros Editados: Lágrimas de Telha, 1986. Domingos, dias úteis e Santos, 1990. Prêmio de Viver, uma história de amor, 2.000. Mineirice...com gosto de pão de queijo e goibada cascão, 2009. De Aquecer Invernos no Coração, 2018. Aquarela de Aldravias, 2019. Quintas e Contos. 2020

E-Books: Pingos de Amor, 2005. Bailando Versos, 2005. Pedacos do Dia, 200. Para Ninar o Coração, 2010.

Antologias. **Publicação em Periódicos e Redes Sociais** “Correio de Araxá”, desde 1984; Jornal O Planalto, desde 2001. Facebook. Blog: Vilma de Araxá.

<http://vilmadaraxa.blogspot.com.br/> . **Membro das**

Academias de Letras: Academia Araxaense de Letras de Araxá. Academia de Letras do Triângulo Mineiro. Uberaba.

Academia Municipalista de Letras de Belo Horizonte.

Membro Correspondente de Academias nacionais e internacionais. **Títulos:** Embaixadora Universal da Paz.

Genebra - Suíça. Cônsul de Poetas Del Mundo, por Araxá.

SUPÉRSTITE

Vilma Cunha Duarte

Se pudesse mudar de mundo, teria duas opções: o da poesia ou o das palavras.

Com a morreção de gente, vítima do hediondo, assombra brincar com o tema excomungado.

Dá sim, pra pernoitar ou passar o dia no mundo que a gente quiser, sem levar a mudança.

A imaginação leva e não cobra a passagem.

Caio de quatro por ela. Já nem sei se somos parentes ou amigas íntimas. Amo-a!

Por obra e graça das minhas idiossincrasias de escritora, desafio:

O que quer dizer supérstite?

Sabe? Parabéns!

Sabe, não?

E idiossincrasia?

Fica frio.

Como dominar um estoque de 600.000 palavras na Língua Portuguesa, se levarmos em conta as técnicas e científicas. Impossível!

Escrevo na leveza da simplicidade. Hoje, bem-humorada com palavras difíceis.

Tive grandes professores de Língua e Literatura Portuguesa. Unânicos em dizer que o dicionário é imprescindível ao ler ou escrever. Não o dispenso.

No computador não se pode confiar. Corrige até o certo o pelo errado.

Idiossincrasia - trocando em miúdos - :
Comportamento, jeito de ser.

Supérstite? - Sobrevivente -

Você, eu, todos nós, que pela graça de Deus, o cuidado preventivo e a sorte, estamos de pé.

Enquanto milhares caem infectados ou mortos, como se fora aquela figuração impressionante de fileiras intermináveis de dominós tombando, continuamos eretos e intocados, ainda.

Já parou pra pensar na magnitude desta dádiva?

Agradecer primeiro de tudo. Junto minhas mãos em Ação de Graças.

O Divino Criador e o Universo me protegem.

Que eu continue agindo em favor dos meus semelhantes, partilhando e semeando palavras de fé, amor, esperança no terreno fértil do coração.

Tendo e sendo um exemplo de fé para os desanimados, os tristes, os perplexos com o mundo que mudou tudo, todos e jamais será o mesmo.

Entendendo a vulnerabilidade emocional das pessoas no momento tão crítico, ouvindo, dialogando tolerante, perdoadando como filha de Deus.

Valorizando as pequenas coisas, atitudes humanas simples que acalentam a autoestima em baixa, fortalecem a fragilidade amedrontada, criam anticorpos de coragem e determinação com a fórmula: vamos vencer.

Que esse hoje maluco que mais parece um filme ruim de armas biológicas assassinas, (antes apenas ficção), acabe logo, porque o roteiro macabro ninguém aguenta mais.

Que a vacina redentora do caos virótico torne-se realidade, não se transforme em uma competição internacional de interesses escusos e salve bilhões de vidas.

Assim, a esperança fraquejada ganhará verde, força e dias plenos de luz.

Passando a fé a limpo um dia de cada vez.

Perdoando-se da humanidade que fragiliza e machuca.
Sobreviver!

POUPANÇA

Vilma Cunha Duarte

No tempo em que o amanhã metafórico era mais ou menos planejável, quem dava conta, gostava de fazer poupança, pé-de-meia, pecúlio, algum tipo de economia pra fazer uma viagem, comprar qualquer coisa, realizar um sonho...

Hoje, não dá pra planejar nem o amanhã, amanhã mesmo.

Como fazer planos ou ter expectativa de alguma coisa neste mundo judiado pelo diacho do corona vírus, que bagunça tudo, ataca, adoece, deixa sequelas, desmorona, mata...

Noticiários desumanos têm sido desaconselhados por especialistas em comportamento, uma vez que ajudam a derrubar os vulneráveis.

Alienar-se também não resolve.

Comunicações menos impiedosas informam o caos mundial de forma mais amena e caridosa.

A crença, seja ela qual for, ajuda a fortalecer trincheiras no combate ao inimigo cruel.

Enquanto escrevo, o telefone vai me cutucando com mensagens, que chegam sem parar.

Paro no texto primoroso de Izabel Allende, que fala cruamente da desgraça epidêmica.

Concordamos na desimportância de muito que já foi importante, até essencial.

Cético, o político etíope **Tedros Adhanom Ghebreyesus** Diretor-Geral da OMS, Organização Mundial da Saúde, pessimista não vislumbra uma solução a médio prazo nem tão cedo, para conter a pandemia, apesar das vacinas experimentais nos quatro cantos do planeta.

Patético!

A vacina dará a volta na sentença de adoecer ou morrer.

Que é urgente uma tomada de consciência individual e coletiva a sensatez não duvida e aconselha.

Nunca fui compradora compulsiva, sempre pratiquei o desapego, e com a situação caótica, tenho certeza somente da necessidade de me precaver contra a contaminação.

Roupas e sapatos quietos nos seus cantos vão continuar hibernando. Sonhos já os sonhei em outro tempo. Preciso de muito pouco pra esse dia a dia esquisito, que ninguém imaginava viver, tampouco tem ideia como vai acabar.

Com o benefício que o governo vem me achatando há séculos, comovo-me com os milhões e milhares, que perderam emprego, meios de subsistir dignamente, sustentar a família, sobreviver...

Agradeço a hora certa de ter viajado mundo afora e o sossego físico e emocional pra enfrentar a tragédia, quieta no meu canto.

Onde iria e pra que, se a insegurança é doméstica e mundial?

Agradeço fervorosamente, as pequenas coisas boas, administro as complicações comuns, tenho certeza absoluta de poder lidar melhor comigo e com os outros.

Poupança de tudo um pouquinho é meu tesouro no “normal imposto” pelas circunstâncias deste 2020, impensável é inexplicável.

Guardo um estoque de abraços de fazer inveja, carinho poupado sem ridiqueza, afetos pra consolar e fazer sorrir, palavras boas para oferecer com fartura, e o esforço contínuo de tratar a mim e aos outros do jeito de nos fazer bem na medida do possível.

Poupo e gasto na precisão de ser gente.
Que ouve, afaga e consola.
Amor não dá pra poupar.
É inteiro de oferecer.

ORAÇÃO

Vilma Cunha Duarte

Deus meu, nosso e do mundo inteiro.

Nunca te falei com tanta sinceridade e fé.

Escuta-me Senhor do céu e da terra.

Te peço socorro com a boca sofrida dos teus filhos desorientados nos caminhos cinzentos da pandemia cruel.

....Perdi o emprego e quase a esperança.

Tinha o suficiente para prover minha família.

Agora bato o ponto em filas para uma vaga ou naquela do caridoso que reparte o que ainda tem.

...Não sei mais como cuidar da casa com o marido e filhos dentro. Quando cada um estava no seu lugar, trabalhava pra completar a renda da família.

Agora o cansaço me consome e as dificuldades financeiras tiram-me o sono nas horas que nem tenho pra dormir.

....Saudade da escola, dos amigos, da balada.

Aulas on-line não têm gente, calor humano, troca de figurinhas ao vivo e em cores. Cansei-me até do telefone obsessivo, dá pra acreditar?

...Home office, soa sofisticado, mas eu preciso sair.

Sinto falta do chefe exigente, dos colegas, do cafezinho, do ônibus lotado, do engarrafamento e quem diria, dos vendedores ambulantes gritando produtos de sobreviver.

...Meus alunos pequeninos, adolescentes, universitários como estarão?

Que saudade da irreverência e interesse deles nas aulas que ensinávamos e aprendíamos juntos.

....Desentendimentos crescem na mesma proporção das perdas financeiras e emocionais.

Harmonia nasci, porém está difícil sobreviver nos pensamentos, palavras e atitudes dos homens do planeta ameaçado.

...Mesmo esperança não tenho conseguido pôr verde nas expectativas dos atacados ou amedrontados pelo vírus que não escolhe idade, cor ou hierarquia.

....Ansiedade sem rédeas, empurro a alegria, o otimismo, anuvio semblantes, desmancho sorrisos nas bocas escondidas pelas máscaras, atijo a imaginação, a louca da casa.

Só tu, Deus de bondade e misericórdia podes consertar o caos, que ninguém sabe direito o que é, de onde saiu, tampouco como estancar a sangria.

Tem piedade do mundo e dos homens, Senhor do céu e da terra. Permite ao Espírito Santo ficar nos laboratórios e iluminar os pesquisadores da vacina salvadora e dos remédios que curam.

Te confesso Redentor da humanidade.

Estou cansada desse desconsolo de insegurança.

A reclusão imposta fragiliza fracos e fortes.

Quero minha vida de volta com a simplicidade livre, que eu desfrutava. Era tudo tão bom, eu sabia!

Deste-me a graça de aceitar a vida como ela é, mas estou pedindo um desconto. Logo, Jesus.

Pra mim e pros teus filhos no mundo inteiro.

A certeza de que nada te é impossível, me faz chamar a esperança de volta pra casa no coração de todos nós.

Ouve a nossa prece e recebe o nosso amor agradecido.

Amém!



Zaíra Melillo Martins
Caeté – MG

Zaíra Melillo Martins

Natural de Itabirito - MG. Residente em Caeté – MG. Graduada em Letras, pela Faculdade de Sabará – MG, com pós-graduação em Psicopedagogia, pela Universidade Castelo Branco – RJ. Possui inúmeras publicações em jornais e revistas de sua região, e em antologias no Brasil e exterior. Premiada com artigo jornalístico em Congonhas – MG, recebeu várias premiações que constam de poesias, contos e crônicas. Representa Itabirito na AMULMIG, pertencendo a outras academias no Brasil, França e Portugal. Em Mariana, faz parte da conceituada academia dos poetas aldravistas – SBPA – e da ALACIB. Na antologia Cidade Encanto, retrata a memória poética de Itabirito, no decorrer do século XX. No livro De Meninas e de Bichos, apresenta as memórias infantis de suas filhas. Recentemente, escreveu outro livro de memórias familiares: Casos do mano Dedé. Recebeu medalha de ouro do InBrasCI-MG. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Ciclo do Ouro, em Sabará. Participa do Conselho Municipal de Turismo de Caeté. Publicou seu primeiro artigo com 16 anos. A literatura sempre fez, e fará, parte de sua vida. E-mail: zairamelillo@hotmail.com

TUDO ÀS AVESSAS

Zaíra Melillo Martins

Meados de março. Fez-se um hiato no tempo, abrindo um universo paralelo para todos nós - incontrolável, desmedido.

Como encarar as mudanças?!

Aos poucos, a nova realidade se instala e os afazeres repetitivos tornam-se rotina obrigatória para evitar o caos. Tarefas domésticas, antes inimagináveis. Da sala pra cozinha, literalmente, sem esquecer do alpendre, quartos, banheiros, área de lazer. Com escapulidas rápidas à lavanderia e às roupas estendidas nos varais. E o desespero maior!... Passar roupa?!

Pausa para um suspiro... No telefone uma das filhas responde a minha aflita indagação:

"Pra quê? Não é preciso! É só esticar bem, passar as mãos, dobrar ou pendurar, e guardar!"

Aliviada, segui o seu conselho. Mal de nós se não fosse a praticidade dos filhos...

Uma panela de arroz, outra de feijão, para esquentar aos poucos, entremeando guisados, saladinhas, carnes semi-prontas, de preferência prontas, para facilitar.

Afinal, aquelas marmitinhas de restaurante enjoam!

Terminantemente proibido pensar em limpar vidros. E ninguém morre por causa disso...

Pra sair, se precisar, uma calça jeans e camisa de manga comprida, se estiver frio; uma calça leve, estampadinha, e blusa leve, se estiver calor. Um único sapato fechado, pra não sujar os pés na rua. Máscara no rosto, combinando com a roupa. No closed, aquele montão de roupas perfiladas... parece até piada, pois raramente usei alguma. Temos coisas demais!

Em meio a tudo isso aconteceu o inesperado. Formatura antecipada da filha mais velha, tornando-se médica. Ela, toda entusiasmada me telefona: " Mãe, vai ser no dia do seu aniversário!!!" "Meu Deus, será que mereço tanto?" pensei com os meus botões...

Mas anteciparam novamente a data. A filha, dessa vez desapontada, me dá a notícia. E a nova data - pasmem! - foi a do aniversário da minha mãe, falecida há muitos anos, com certeza abençoando a neta que mais se parece com ela. Emoção incontida.

Produção literária?! Só o que estava previsto foi terminado. Cadê inspiração? Minha vida estacionou

nesse quesito. Uma ou outra aldravia, inspiração momentânea, e... esta crônica.

E assim seguiu a "quarentena" que já chega a quase um ano. O mundo em polvorosa. Alarmes, sensacionalismo, fake news, politicagem vergonhosa e sofrimentos os mais variados, para os menos favorecidos. A mortandade se alastrando desmesuradamente, sem trégua. Agora ouvimos notícias de que a vacina está pra chegar. Quantas controvérsias!

Apesar disso, confesso-lhes, procurei ser otimista e ainda ousei sonhar... e como são ousados os meus sonhos!

Foi o que me salvou.

ISBN

ISBN: 978-65-991310-4-2



Editora Aldrava Letras e Artes



Apoio

